

Segmento: PUCRS

12/09/2020 | Blog Luis Nassif | jornalggn.com.br/luisnassif | Geral

O entreguismo fardado no Governo Bolsonaro: um projeto político, por Pedro Guedes e Bruno Lima Rocha

<https://jornalggn.com.br/artigos/o-entreguismo-fardado-no-governo-bolsonaro-um-projeto-politico-por-pedro-guedes-e-bruno-lima-rocha/>

Na história brasileira, a potência estrangeira, com capacidade de produzir consenso dentro das elites brasileiras, e de se beneficiar da consolidação desse pensamento, são os Estados Unidos.

O entreguismo fardado no Governo Bolsonaro: um projeto político. por Pedro Guedes e Bruno Lima Rocha

O entreguismo dentro da política brasileira, não é um fenômeno novo, alternando maior ou menor proeminência, ao menos desde 1952, com o debate acalorado resultante da Campanha do Petróleo é Nosso. Essa campanha, de forte teor popular e participação direta - ainda que instrumentalizada pelo trabalhismo do governo eleito de Vargas - deu origem à decisão do Estado Brasileiro em criar a Petrobrás, em 1953[1]. De maneira geral, o entreguismo é caracterizado pela defesa da abdicação do uso dos recursos (naturais ou artificiais) que o país possui em prol do direito de uso destes mesmos recursos por uma potência estrangeira e suas empresas. Tal fenômeno é associado com algumas forças políticas. No período entre o final do Estado Novo e o golpe de 1º de abril de 1964, o partido político caracterizado como o mais entreguista era a União Democrática Nacional (UDN, abril de 1945-outubro de 1965). Dentro da extrema direita militar no período da Guerra Fria antes do golpe, havia um amplo setor Entreguista, meio caricato, para além da geração histórica da Escola Superior de Guerra (ESG).

Essa ideia é baseada na crença de que o Estado Brasileiro não seria capaz de gerenciar de maneira eficiente o uso desses recursos, agindo inclusive de maneira corrupta e patrimonialista [2]. Enquanto a iniciativa privada, mesmo a estrangeira, traria uma racionalidade nova, imaculada dos vícios que seriam exclusividade do Estado brasileiro [3]. O pano de fundo é pior. Para essa laia colonizada, não seríamos capazes de gerir nossos próprios recursos nem buscar as saídas coletivas para a vida contemporânea em sociedade. Parece que, segundo teses antigas como a do geógrafo holandês-estadunidense Nicolas Spykman, reproduzindo falácias do estrategista britânico Halford Mackinder, identificando na origem ibérica dos invasores de Palmares e Pindorama uma espécie de "vício de origem", "mal interior". O efeito ideológico desse sentido de crenças em alto nível decisório é proporcional à difusão do "viralatismo sociológico" que abunda no bolo fecal das mentalidades de deformadores de opinião subordinada. No mundo castrense, em parte, essa "tradição" coexiste com outras.

Na história brasileira, a potência estrangeira, com capacidade de produzir consenso dentro das elites brasileiras, e de se beneficiar da consolidação desse pensamento, são os Estados Unidos. No século XIX, a decadência do Império Português gerou uma vinculação dúbia com Lisboa-Coimbra e o Porto. Na sequência, oscilamos entre a pressão da marinha, bancos e indústrias inglesas e a projeção cultural e institucional da França. Na República Velha, a presença franco-inglesa começou a ser rivalizada com a dos Estados Unidos. Na década de 30 do século XX, a Operação Panamericana começa a ter suas influências a ponto de hegemonizar o andar de cima do país. Com base no ideário liberal (oligárquico e colonizado, não a matriz dos antigos liberais exaltados ou democratas radicais, ou do federalismo radical como na tradição artiguista e um pouco na matriz pernambucana) que em suma, defendem uma participação do Estado na economia em patamares mínimos, mesmo em áreas estratégicas, como tecnológica, infraestrutura, energia e defesa, por exemplo. Essas ideias são publicadas e difundidas no segmento civil da sociedade por think thanks, como o Instituto Millenium (ligado à Rede Globo de Televisão) ou o Instituto Mises Brasil [10]. Em termos de processo histórico e formação, há uma espécie de fábula sistematizada, onde não se estudam os passos tomados pelas potências para criarem, por exemplo, seus parques industriais ou então não se leva em conta o Sistema Internacional e a capacidade de criação de excedentes de poder por países que estão na Semiperiferia, ou quase potências, tal é o caso do Brasil.

Dentro dos círculos militares, a penetração dos ideais liberais e antinacionais foi acelerada em três momentos muito distintos. O primeiro foi nos anos subsequentes do início da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Aqui, alguns dos alto-oficiais

que lideraram as tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foram ensinados dentro parâmetros do National War College, dos Estados Unidos. Calçados em um nascente anticomunismo, estes militares assimilaram entre outras ideias que a melhor maneira de o Brasil se inserir dentro do Sistema Internacional, era de maneira atrelada aos interesses e objetivos dos EUA. Em 1949, a Escola Superior de Guerra foi criada, sendo o principal bastião dos ideários anticomunistas nas Forças Armadas [4]. Desta forma, reproduzimos na oficialidade a tese da "doutrina de segurança hemisférica" ou da "teoria das fronteiras ideológicas". A metástase dessas ideias é tamanha que encontra efeito nos discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro, incluindo o tétrico e mentiroso discurso do sete de setembro do corrente ano. Vale ressaltar que o processo de incorporação da alta oficialidade brasileira se deu após um período de influência germanófila e até mesmo filo-nazista, além de evidente filiação fascista, tal é o caso do conspirador Olímpio Mourão Filho, operador do autogolpe do Estado Novo em 1937 assim como o de 1º de abril de 1964. Leia também: Jornalista indiano resume violações aos direitos de Assange na batalha judicial contra os EUA

O segundo momento foi durante os estágios iniciais do Golpe Cívico e Militar de 1964. Este período é importante de mencionar por que é aqui onde as linhas nacionalistas mais próximas das ideias progressistas e dos partidos políticos de esquerda dentre os militares de posições médias e altas (de majores a generais) vão ser expurgadas. Aqui, é fortalecida a ideia de que ações de cunho nacionalista, como estatizações, medidas de proteção de mercado, exclusividade do Estado em áreas economicamente sensíveis entre outras medidas, são "comunistas", devendo assim, serem erradicadas das casernas e da sociedade [6]. O apoio estadunidense ao golpe - a escolha da embaixada dos EUA do primeiro ditador-presidente, o marechal Castelo Branco -, se deu a partir de financiamento dos grupos de oposição ao governo João Goulart, bem como pela promessa de suporte militar aos revoltosos [5].

Contudo, após o governo do marechal Castelo Branco, muitas dessas medidas serão tomadas pelos militares que escantearam os oficiais ideologicamente mais alinhados aos Estados Unidos das posições de poder no Regime Ditatorial Militar [11]. Na década de 1970, muitos destes militares desprestigiados iriam se aglutinar em torno do General Sylvio Frota, tentando derrubar o governo Geisel e a ala nacionalista conservadora do Exército, no que ficou conhecido como "Golpe dentro do Golpe". Geisel a fim de evitar maior desgaste interno do Regime Ditatorial, demite Frota e isola os elementos do Exército próximos a ele [8]. O recalque da caserna, o "ciúme do poder", o sentimento de revanche veio à tona. Na queda de braço entre Golbery e Meira Mattos, primeiro ganhou o primeiro e depois o FMI jogou ambos na lona, com a maxidesvalorização do cruzeiro e a derrota do governo Figueiredo. A subordinação se fez absoluta e parece que a meta do Brasil Potência virou um mito a ser reivindicado por viúvos do regime, como o cardiologista e eterno pretense líder nacionalista da extrema direita, Enéas Carneiro (1938-2007).

O Terceiro momento importante para o entendimento do movimento entreguista nas Forças Armadas é a queda do Governo Dilma Rousseff, em 2016. Durante a crise política que culminou no processo de impeachment de inspiração golpista, o Alto Comando do Exército não apenas se manteve calado frente às movimentações de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), mas agiram para coagir o já frágil governo Dilma (via ameaças de quartelada pelo Twitter) [13] e segundo o áudio do Senador Jucá, agir em conjuntamente com o Supremo Tribunal Federal, a fim de concretizar a sucessão de Dilma com a posse do Vice Presidente, Michel Temer[7]. "Com o Supremo, com tudo", incluía também uma fragilidade do estamento superior com mentalidade bananisteira, acuado pelas tuitadas do então ainda comandante geral do Exército Brasileiro, general Eduardo Villas Bôas. Diante de uma evidente ofensiva jurídica contra a Petrobrás e visando a desindustrialização do país, generais, brigadeiros e almirantes nada fizeram além de surfar na onda do "anticomunismo" sem Guerra Fria ou na cruzada udenista, mas com uma vertente cada vez mais exibida de defesa de golpe de Estado através da "intervenção militar constitucional" e outras excrescências intelectuais. Na propaganda cibernética da extrema direita anterior ao golpe com apelido de impeachment em abril de 2016, era comum a presença de militares da ativa com declarações de realinhamento aos EUA e à subordinação estratégica ao Comando Sul da Superpotência. Leia também: Generalizar ou não generalizar os evangélicos? Um debate na esquerda evangélica, por Bruno Reikdal Lima

Durante o governo de Temer, um programa calcado na entrega do patrimônio nacional foi colocado em prática, a "Ponte para o Futuro". Em linhas gerais este programa previa a venda de empresas públicas, a concessão do uso e gerenciamento de estradas, portos, aeroportos entre outras ações. Isso foi feito sob a ideia de que o Estado estaria "inchado", cheio de empresas públicas ineficientes e que os recursos de valor econômico (minas, portos, aeroportos e jazidas) não estariam sendo utilizados de maneira correta. Neste momento, não houve nenhuma nota de oposição por parte dos oficiais de alto escalão das Forças Armadas, um contraste com a recente atividade de muitos oficiais militares até então, entre 2016 e 2017. Pela demonstração da via dos fatos, a prioridade não era a defesa da capacidade de desenvolvimento do país e sim fazer coro com a projeção de poder do Comando Sul e nas aventuras securitárias junto ao governo colombiano, ampliando a tensão com a Venezuela e realizando exercícios conjuntos na Amazônia.

Em 2018, um candidato que se apresentava como um "nacionalista", de ideologia conservadora e entusiasta da ditadura militar se elegeu presidente do país, Jair Messias Bolsonaro, pelo Partido Social Liberal (PSL). Como vice na sua chapa, estava o general reformado Hamilton Mourão, de quatro estrelas. Jair Messias foi um "péssimo militar", segundo relato do ditador-presidente Ernesto Geisel. Foi praticamente expulso do Exército pela tentativa de atentado ocorrido na Praia Vermelha, RJ, na metade de década de '80 do século XX. Bolsonaro se colocava como um "anti-geisel". Assim, ele e seu clã estariam dispostos a desmontar todo o legado, como o que restou do parque industrial brasileiro, as linhas gerais de nossa política externa (pragmática, universalista e autônoma) [9]. Na "guerra cultural" que chafurdou o país, o debate em termos internacionais desceu às profundezas da mesquinha intelectual, e parece que desse lodo não sai fácil. Considerando que em tese as Forças Armadas estariam dedicadas à defesa do país, e não à manutenção e preservação da ordem social injusta e racista.

As semelhanças entre Bolsonaro e o ex-general Sylvio Frota, residem principalmente no uso da força - modernamente na ameaça do uso da força - como meio de controlar o ambiente político[9]. É difícil pensar em como as Forças Armadas se deixaram levar por um ex-militar, apoiado por pentecostais campeões do pecado da usura, especuladores financeiros paraistas e ideólogos de baixíssimo nível, como Olavo de Carvalho. Mas diante da evidência dos fatos e no correr do período já cumprido do desgoverno da extrema-direita, se observamos apenas o alinhamento ideológico entre o Alto Comando das Três Forças e o núcleo do Bolsonarismo, é exatamente isso o que está ocorrendo. Há ainda, o interesse de militares da ativa e reformados em obter cargos na esfera civil e de participar do processo da tomada de decisão do Estado Brasileiro[12]. A relação de prebendas e postos de comandos civis em desvio de função com militares à frente evidenciam que diante da "segurança nacional", o mais importante é "ser amigo dos amigos".

A maior presença dos militares no governo Bolsonaro, atuando em todos os escalões da máquina pública explicita o retorno de oficiais militares não apenas ao governo, mas também no ambiente político[14]. Cuidando de articular o apoio ao governo, compor maiorias no Congresso Nacional, distribuir cargos entre os políticos do Centrão são tarefas que demonstram a tentativa da volta das Forças Armadas como um "Poder Moderador" no ambiente político nacional [15]. Como se sabe, ao dedicarem-se a fazer política doméstica, não defendem nada e atuma pior ainda na "política" cotidiana. Leia também: A Administração Pública dos Cupons, por Gilberto Bercovici

Essa função que os militares tentam trazer para eles hoje remonta a uma tradição de intervenção na arena política que tem origem ao período posterior à Guerra do Paraguai, ou ao Genocídio do País Guarani. Mesmo vitoriosos no conflito - com o apoio explícito da Inglaterra - mas sem a atenção do Governo Imperial, os militares começam a se estruturar como um agente político organizado, que irá proclamar a república em 1889 através de um golpe de Estado; governar de maneira ditatorial até o início da República Velha; atravessar momentos de aventuras redentoras como o tenentismo; co-governar o Estado Novo através de Góis Monteiro e Gaspar Dutra; servir como instrumento de desestabilização permanente entre 1946 até deflagrar o Golpe Civil e Militar de 1964[16].

Esperava-se que a Nova República, com a promulgação da Constituição de 1988, com uma elite política minimamente coesa e sociedade civil mais atenta, fossem inibir a volta dos militares a esse dubio e perigoso papel. Ledo engano, aproveitando-se de uma crise econômica pesada - impulsionada pela péssima escolha do Chicago Boy Joaquim Levy para aplicar o receituário austericida -, descrença na política (através primeiro do pragmatismo dos governos social-democrata e na sequência com a terra arrasada promovida pelo Partido da Lava Jato) e um sentimento de saudosismo da supremacia do poder militar sobre a ordem civil, os militares ensaiam uma atuação cada vez maior na política brasileira. Essa presença se cristaliza na grande quantidade de militares da ativa e milicos reformados trabalhando em ministérios, secretarias, autarquias e empresas estatais.

A presença de tantos militares nos ministérios civis, com destaque no Ministério da Saúde, que liderados pelo general intendente Eduardo Pazuello - ainda como ministro interino -, foram incapazes de esboçar o mínimo. Milhares de milicos em desvio de função com postos civis e não sai uma estratégia minimamente eficaz de apoio aos estados e municípios durante a corrente pandemia de Covid-19! Até o momento de concluir a revisão desse texto, o país já sofria mais de 130 mil mortos pela pandemia e também em função do desgoverno e falta de assistência apropriada. Tamanho descalabro também é o retrato da intervenção não oficial do Exército no governo brasileiro.

A hipocrisia é do tamanho do entreguismo colonial. Essa presença mais ativa dos militares na política brasileira não impediu que a Base de Alcântara, no Maranhão fosse arrendada para os EUA quase que de graça e que a venda e desmembramento da Embraer fossem concretizadas. Tampouco impede o desmonte agressivo sobre a Petrobrás, com a liquidação da BR Distribuidora e a desativação de refinarias. Com oficiais militares profissionais assim, uma potência agressora não teria problema algum em invadir nosso país. Que vergonha.

Pedro Guedes é graduado em Relações Internacionais pela Universidade do vale do Rio dos Sinos. Graduando de direito pela PUC/RS. Sócio da C&G Consultoria e membro do Grupo Capital e Estado. Contato:

Bruno Lima Rocha é militante socialista libertário e editor dos canais do Estratégia & Análise, a análise política para a esquerda mais à esquerda.

Contatos: | facebook.com/blimarocha

Blog: www.estrategiaeanaliseblog.com

facebook.com/estrategiaeanaliseoficial

Twitter: twitter.com/estanalise

YouTube: Estratégia e Análise Blog

Telegram: t.me/estrategiaeanalise

Fontes Consultadas:

[1]<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/entreguismo>

[2]<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi17039808.htm>

[3]<https://www.institutomillennium.org.br/arminio-fraga-estado-brasileiro-ainda-e-gordo-quebrado-e-ineficiente/>

[4]<https://www.esg.br/a-esg/historico>

[5]https://istoe.com.br/1217_OS+EUA+NO+GOLPE+DE+64/

[6]<https://www.bbc.com/portuguese/amp/brasil-46532955>

[7] <https://theintercept.com/2016/05/23/novo-abalo-politico-no-brasil-e-hora-da-midia-comecar-a-dizer-golpe/>

[8]<http://memorialdademocracia.com.br/card/geisel-enquadra-rivais-no-exercito>

[9]<https://www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/celso-rocha-de-barros/2018/10/bolsonaro-representa-facciao-das-forcas-armadas-que-ganhou-poder-com-a-tortura.shtml>

[10] <https://diplomatie.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>

[11]
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/ditadura-formou-geracao-de-militares-que-hoje-povoam-governo-bolsonaro.shtml>

[12] <https://www.conjur.com.br/2020-jul-17/mil-militares-exercem-funcoes-civis-governo-federal>

[13]<https://www.dw.com/pt-br/militares-n%C3%A3o-mudaram-modo-de-pensar-depois-da-ditadura/a-53679430>

[14] <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51646346>

[15] <https://www.conjur.com.br/2020-jul-31/forças-armadas-nao-sao-poder-moderador-agu-stf>

[16] <https://revistaforum.com.br/politica/historico-das-verdadeiras-intervencoes-militares-no-brasil/> Você pode fazer o Jornal GGN

ser cada vez melhor. Assine e faça parte desta caminhada para que ele se torne um veículo cada vez mais respeitado e forte.

Assine agora

12/09/2020 | Governo do Rio Grande do Sul | estado.rs.gov.br | Geral

Sistema para monitoramento de abelhas foi apresentado em reunião na câmara da apicultura da Seapdr

<https://estado.rs.gov.br/sistema-para-monitoramento-de-abelhas-foi-apresentado-em-reuniao-na-camara-da-apicultura-da-seapdr>

O Sistema de Informação e Monitoramento de Abelhas do RS (SIM-Abelhas) foi apresentado na reunião virtual da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Apicultura da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (Seapdr). A professora da PUCRS Betina Blochtein e o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) Aroni Sattler falaram sobre a importância de pensar na conservação da biodiversidade como um todo no Rio Grande do Sul. A condução do evento, realizado na quinta-feira (10/9), foi do coordenador da Câmara, Aldo dos Santos.

Betina mostrou o projeto feito em conjunto com diversas entidades. A previsão é que seja executado em até cinco anos. De acordo com a bióloga, o monitoramento será feito em quatro polos do Rio Grande do Sul: Depressão Central (Eldorado do Sul, Estrela e São Gabriel), Noroeste (Ijuí e Cerro Largo), Nordeste (Vacaria, Cambará do Sul e São Francisco de Paula) e Sul (Pelotas).

A pesquisadora acrescentou que algumas colmeias serão monitoradas em tempo real. "E amostras de material serão coletadas várias vezes ao longo do ano, a fim de controlar resíduos de agrotóxicos e também a presença de parasitas ou doenças nas abelhas".

O agrônomo Sattler abordou a apicultura migratória e ressaltou a importância de fazer o monitoramento das abelhas no Estado. Conforme o pesquisador, há quatro pontos estratégicos para o monitoramento: Vacaria, Colorado, Cambará do Sul e Eldorado do Sul. "Em Cambará do Sul, por exemplo, há uma área com reservas ambientais e um bioma especial. E em Colorado, nas culturas de inverno, o uso de defensivos agrícolas dentro dos pomares é ruim para a polinização".

O promotor de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de Porto Alegre do Ministério Público Alexandre Saltz afirmou ser importante buscar soluções de gestão para o uso equilibrado de defensivos agrícolas, entre os quais o fipronil, que não é cadastrado no Rio Grande do Sul. "Sugiro a criação de um grupo de trabalho para debater o assunto".

Segundo Saltz, o projeto SIM-Abelhas é uma alternativa para superar os problemas da má aplicação dos agrotóxicos. "O trabalho trará informações claras para que a fiscalização atue imediatamente. Se temos que conviver com o uso de herbicidas, então precisamos estabelecer regras mínimas e ter políticas públicas para nos auxiliar".

Outro ponto discutido durante o encontro foi a avaliação da safra de mel 2020 e impactos da Covid-19 no consumo. O presidente da Federação Apícola do Rio Grande do Sul (Fargs), Anselmo Kuhn, comemorou a alta nos produtos como mel e própolis durante a pandemia de coronavírus. "Os preços dos produtos aumentaram devido à grande procura. Nossas expectativas para o setor são as melhores possíveis", afirmou.

De acordo com a presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Mel (Abemel), Andresa Berretta, em 2020, o Brasil exportou 25.581 toneladas de mel, sendo 78% para os Estados Unidos. "No total, tivemos US\$ 58 milhões gerados com a exportação do produto. Só para os Estados Unidos, foram US\$ 38 milhões", informou. Andresa disse que, depois do mercado americano, as maiores exportações são para a Alemanha e Austrália.

Ainda na reunião foi apresentado o Plano de Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Apicultura e da Meliponicultura do Estado de São Paulo pelo presidente da Câmara Setorial de Apicultura do estado, Carlos Pamplona Rehder. "É um plano que avalia a saúde das abelhas. Se há doenças e se as colmeias têm algum tipo de contaminação. A equipe também faz coleta da mortandade dos animais". Segundo Rehder, hoje são 129 mil colmeias registradas no estado de São Paulo.

12/09/2020 | Jornal Minuano | jornalminuano.com.br | Geral

Seminário virtual "Avaliação Institucional - O papel da CPA" acontece na próxima semana

<http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/09/12/seminario-virtual-avaliacao-institucional-o-papel-da-cpa-acontece-na-proxima-semana>

Cidade

Foto: Divulgação

A próxima semana será dedicada a debater as oportunidades que a Urcamp dispõe para os processos de avaliações internas e externas. Promovido pela Comissão Própria de Avaliação, o seminário 'Avaliação Institucional - O papel da CPA' acontece de segunda a quarta-feira, em formato on-line, com painéis às 14h, transmitidos pela página oficial da Urcamp nas redes sociais, voltado à toda a comunidade acadêmica.

O encontro de abertura será apresentado pela reitora da Urcamp, professora Lia Maria Herzer Quintana. "Temos sido responsáveis por mudanças que vão de infraestrutura até novas metodologias de ensino, como a Graduação i, por exemplo. Ao longo desse processo sempre estivemos preocupados em saber se estas alterações estavam dando certo, como eram recebidas. Então, avaliar constantemente sempre é importante", analisa a reitora. Já o presidente da CPA, Glauber Pereira, explica que o grupo é responsável por aplicar, semestralmente, questionários de avaliação da instituição junto à comunidade acadêmica, onde são analisados diversos itens, desde a qualidade do ensino e atuação dos docentes até a infraestrutura.

O resultado dos dados analisados servem como uma base real para as ações da gestão, a fim de desenvolver as potencialidades e aprimorar o desempenho dos cursos. "Toda instituição de ensino superior tem que ter um grupo independente para fazer pesquisas sobre as condições de funcionamento geral. Os resultados das avaliações são encaminhados para a gestão, em relatório, que irá nortear diretrizes de investimento e metodologia da instituição", explica ele.

Além das avaliações internas, a CPA também acompanha as avaliações externas, como as realizadas pelo Ministério da Educação. Ciente da importância das avaliações externas e dos reflexos consequentes delas, a comissão busca promover o conceito de avaliação como um pensamento permanente de professores, funcionários, de alunos e da gestão.

Ele conta que a ideia de realizar um seminário, a fim de disseminar a importância das avaliações, tornando o conceito mais permanente e usual, surgiu ainda no ano anterior. Com o novo cenário global trazido pela pandemia, de distanciamento social e atividades remotas, o evento foi confirmado para este mês, pautado, também, pelos reflexos que o novo momento deve trazer para a instituição. "Que a gente pense sempre que a nossa instituição vai ser valorizada pela qualidade do ensino que oferece, mas também valorizada pelas avaliações que a gente recebe. Então pensar em avaliação, como acontece, é saudável e ajuda a universidade estar sempre forte", destaca.

Assim, o primeiro painel, que acontece na segunda, dia 14, às 14h, aborda "A CPA e o processo de desenvolvimento institucional", ministrado pelo presidente da CPA da PUC-RS, Denizar da Silva Melo. Na terça, no mesmo horário, será exibida a live "A avaliação docente institucional como ferramenta para gestão de cursos superiores", a cargo da presidente da CPA da Unicruz-RS, Maria Cristina Schettert Moraes. A última atividade do seminário acontece na quarta, apresentada pelo vice-reitor da Urcamp, Fábio Paz, a pró-reitora, Virgínia Paiva Dreux, além de integrantes da CPA.

12/09/2020 | O Sul | osul.com.br | Geral

Um projeto prevê o monitoramento de abelhas em tempo real no Rio Grande do Sul

<https://www.osul.com.br/um-projeto-preve-o-monitoramento-de-abelhas-em-tempo-real-no-rio-grande-do-sul/>

? Ouça essa notícia clicando aqui

Uma reunião virtual da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Apicultura da Seapdr (Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural) marcou a apresentação do projeto "SIM-Abelhas", que prevê um sistema de informação e monitoramento do inseto no Rio Grande do Sul. Realizada em conjunto com diversas entidades, a ação deve ser executada em até cinco anos.

A professor Betina Blochtein, da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e seu colega Aroni Sattler, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), detalharam o monitoramento, que contemplará quatro regiões: Depressão Central (Eldorado do Sul, Estrela e São Gabriel), Noroeste (Ijuí e Cerro Largo), Nordeste (Vacaria, Cambará do Sul e São Francisco de Paula) e Sul (Pelotas).

"Algumas colmeias serão acompanhadas em tempo real", explicou Betina. "Amostras de material serão coletadas várias vezes ao longo do ano, a fim de controlar resíduos de agrotóxicos e também a presença de parasitas ou doenças nas abelhas."

"Em Cambará do Sul, por exemplo, há uma área com reservas ambientais e um bioma especial", acrescentou Sattler. "Em Colorado, nas culturas de inverno, o uso de defensivos agrícolas dentro dos pomares é ruim para a polinização".

Defensivos

O promotor de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de Porto Alegre do MP (Ministério Público), Alexandre Saltz, destacou a importância de se buscar soluções para o uso equilibrado de defensivos agrícolas, dentre os quais o fipronil, que não é cadastrado no Rio Grande do Sul: "Sugiro a criação de um grupo de trabalho para debater o assunto".

Ainda segundo ele, o projeto "SIM-Abelhas" é uma alternativa para superar os problemas da má aplicação dos agrotóxicos: "O trabalho trará informações claras para que a fiscalização atue imediatamente. Se temos que conviver com o uso de herbicidas, então precisamos estabelecer regras mínimas e ter políticas públicas para nos auxiliar".

Mel

Outro ponto discutido durante o encontro foi a avaliação da safra de mel em 2020 e os impactos da pandemia de coronavírus sobre o consumo do produto. O presidente da Fargs (Federação Apícola do Rio Grande do Sul), Anselmo Kuhn, comemorou a alta no produto (incluindo própolis) nos últimos meses: "Os preços dos produtos aumentaram devido à grande procura. Nossas expectativas para o setor são as melhores possíveis".

Segundo a presidente da Abemel (Associação Brasileira dos Exportadores de Mel), Andresa Berretta, em 2020, o Brasil exportou 25.581 toneladas de mel, sendo 78% para os Estados Unidos: "No total, tivemos US\$ 58 milhões gerados com a exportação do produto. Só para os Estados Unidos, foram US\$ 38 milhões. Depois do mercado americano, as maiores exportações são para a Alemanha e Austrália".

(Marcello Campos)

Voltar Todas de Rio Grande do Sul Notícia Anterior Brasil registra mais 814 mortes por coronavírus

12/09/2020 | SIS Saúde | [sisaude.com.br](http://sis.saude.com.br) | Geral

CCG Saúde apresenta lives com foco no cuidado da saúde mental

<http://www.sissaude.com.br/sis/inicial.php?case=2&idnot=34451>

No mês dedicado à prevenção ao suicídio e à valorização à vida, empresa promove série de debates sobre o tema

No período da campanha nacional do Setembro Amarelo, em que se dedica atenção ao cuidado com a saúde mental, em especial ao suicídio e às formas de valorização da vida, o CCG Saúde lança a iniciativa #DoeTempo. O objetivo é tratar, de forma aberta com a sociedade, sobre a importância da atenção para a prevenção ao suicídio, temas relacionados ao bem-estar e a uma vida mais saudável.

A iniciativa convida para uma série de cinco lives, transmitidas pelas redes sociais do CCG Saúde, com profissionais de diferentes áreas na abordagem do suicídio, autoconhecimento, prevenção nos diversos ambientes e ressignificação do cuidado. A proposta da série de conteúdos é tratar de temas que possam estar presentes no cotidiano, principalmente alinhado ao momento atual, no qual as pessoas estão mais isoladas do convívio social, desafiadas a uma nova rotina familiar e profissional.

As palestras contam com médicos psiquiatras, psicólogos, filósofo, arquiteta, entre outros profissionais, para tratarem dos sentimentos de sofrimento e perda, da saúde mental no trabalho e de como reorganizar a rotina e a casa para manter uma mente saudável. O CCG Saúde, na sua missão de levar medicina de valor para todos, abre este canal para que o conhecimento, a informação e o diálogo sejam também formas de tratamento à saúde.

Como conectar:

As lives acontecem na página do CCG Saúde no Facebook: <http://bit.ly/FacebookCCGSaude>

E no canal do YouTube: <http://bit.ly/YoutubeCCGSaude>

Confira a programação completa:

(também disponível no site: <http://bit.ly/ProgramacaoSACCG>)

09/09 - 19h30

Live: Ressignificando as perdas

· Marília Aguiar - Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC SP e Doutora em Ciência da Saúde da criança e do adolescente pela Faculdade de Medicina da UFMG

· Dr. Fabio Milani Carrara - Médico Psiquiatra e Coordenador Médico do CCG Saúde

16/09 - 18h

Live: O sofrimento e o sentido

· Luciano Marques de Jesus - Doutor em Filosofia pela PUCRS e Professor da PUCRS

· Michelle Baladão Fagundes - Advogada, Empreendedora e fundadora da Associação Treze de Março

· Dra. Julia Raya Kampff - Coordenadora Médica do CCG Saúde

23/09 - 18h

Live: Reorganizando o normal

· Maria Christina Rinaldi - Formação em Arquitetura e Urbanismo pela Unisinos, empreendedora e sócia do escritório MCR Arquitetos

· Luziane Mota - Psicóloga Clínica do CCG Saúde

30/09 - 19h

Live: Saúde mental no trabalho

· Dr. Alexandre Dias - Médico de Referência e Coordenador Médico do Centro Gaúcho de Medicina Ocupacional

Saiba Mais

O CCG Saúde é uma operadora presente há 30 anos no mercado com um modelo de atuação sustentável, inclusivo e baseado no conceito da medicina de valor, que segue padrões internacionais, preza pela saúde preventiva e pela qualidade do atendimento. Oferece ao paciente avançadas soluções tecnológicas, corpo clínico qualificado e atendimento prático, eficaz, ético e humano para serviços ambulatoriais, hospitalares e laboratoriais. Atualmente, conta com 1.600 profissionais e atende mais de 190 mil beneficiários.

12/09/2020 | Studio FM | studio.fm.br | Geral

Sistema para monitoramento de abelhas foi apresentado em reunião na câmara da apicultura da Seapdr

<https://www.studio.fm.br/2020/09/sistema-para-monitoramento-de-abelhas-foi-apresentado-em-reuniao-na-camara-da-apicultura-da-seapdr/>

O Sistema de Informação e Monitoramento de Abelhas do RS (SIM-Abelhas) foi apresentado na reunião virtual da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Apicultura da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (Seapdr). A professora da PUCRS Betina Blochtein e o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) Aroni Sattler falaram sobre a importância de pensar na conservação da biodiversidade como um todo no Rio Grande do Sul. A condução do evento, realizado na quinta-feira (10/9), foi do coordenador da Câmara, Aldo dos Santos.

Betina mostrou o projeto feito em conjunto com diversas entidades. A previsão é que seja executado em até cinco anos. De acordo com a bióloga, o monitoramento será feito em quatro polos do Rio Grande do Sul: Depressão Central (Eldorado do Sul, Estrela e São Gabriel), Noroeste (Ijuí e Cerro Largo), Nordeste (Vacaria, Cambará do Sul e São Francisco de Paula) e Sul (Pelotas).

A pesquisadora acrescentou que algumas colmeias serão monitoradas em tempo real. "E amostras de material serão coletadas várias vezes ao longo do ano, a fim de controlar resíduos de agrotóxicos e também a presença de parasitas ou doenças nas abelhas".

O agrônomo Sattler abordou a apicultura migratória e ressaltou a importância de fazer o monitoramento das abelhas no Estado. Conforme o pesquisador, há quatro pontos estratégicos para o monitoramento: Vacaria, Colorado, Cambará do Sul e Eldorado do Sul. "Em Cambará do Sul, por exemplo, há uma área com reservas ambientais e um bioma especial. E em Colorado, nas culturas de inverno, o uso de defensivos agrícolas dentro dos pomares é ruim para a polinização".

O promotor de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de Porto Alegre do Ministério Público Alexandre Saltz afirmou ser importante buscar soluções de gestão para o uso equilibrado de defensivos agrícolas, entre os quais o fipronil, que não é cadastrado no Rio Grande do Sul. "Sugiro a criação de um grupo de trabalho para debater o assunto".

Segundo Saltz, o projeto SIM-Abelhas é uma alternativa para superar os problemas da má aplicação dos agrotóxicos. "O trabalho trará informações claras para que a fiscalização atue imediatamente. Se temos que conviver com o uso de herbicidas, então precisamos estabelecer regras mínimas e ter políticas públicas para nos auxiliar".

Outro ponto discutido durante o encontro foi a avaliação da safra de mel 2020 e impactos da Covid-19 no consumo. O presidente da Federação Apícola do Rio Grande do Sul (Fargs), Anselmo Kuhn, comemorou a alta nos produtos como mel e própolis durante a pandemia de coronavírus. "Os preços dos produtos aumentaram devido à grande procura. Nossas expectativas para o setor são as melhores possíveis", afirmou.

De acordo com a presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Mel (Abemel), Andresa Berretta, em 2020, o Brasil exportou 25.581 toneladas de mel, sendo 78% para os Estados Unidos. "No total, tivemos US\$ 58 milhões gerados com a exportação do produto. Só para os Estados Unidos, foram US\$ 38 milhões", informou. Andresa disse que, depois do mercado americano, as

maiores exportações são para a Alemanha e Austrália.

Ainda na reunião foi apresentado o Plano de Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Apicultura e da Meliponicultura do Estado de São Paulo pelo presidente da Câmara Setorial de Apicultura do estado, Carlos Pamplona Rehder. "É um plano que avalia a saúde das abelhas. Se há doenças e se as colmeias têm algum tipo de contaminação. A equipe também faz coleta da mortandade dos animais". Segundo Rehder, hoje são 129 mil colmeias registradas no estado de São Paulo.

Quer receber as notícias da Studio no seu WhatsApp? Então clique aqui.

//EDIT: loop="true" and autoplay="autoplay" are deprecated

A Rádio Studio não se responsabiliza pelo uso indevido dos comentários para quaisquer que sejam os fins, feito por qualquer usuário, sendo de inteira responsabilidade desse as eventuais lesões a direito próprio ou de terceiros, causadas ou não por este uso inadequado.

12/09/2020 | Vós | vos.social | Geral

Caio Fernando Abreu: "Eu quero a vida"

<https://vos.social/voos-literarios/caio-fernando-abreu-eu-quero-a-vida/>

Neste sábado, 12 de setembro, o escritor da paixão, como foi descrito por Lygia Fagundes Telles, completaria 72 anos se estivesse neste plano. Parece clichê, mas o legado literário de Caio Fernando Abreu permanece vivo, mesmo ele tendo partido no já longínquo ano de 1996. A obra de Caio F. (como ele gostava de assinar em cartas, em uma referência ao livro e filme cult Christiane F.), atingiu um patamar de universalidade, por conseguir abordar temáticas que permanecem atuais. Um desses assuntos é o suicídio. Enquanto o tema era considerado tabu até recentemente pela mídia brasileira, Caio teve coragem para abordá-lo. Há referências à ideiação de morte em textos de obras como Inventário do Irremediável (lançado em 1970), O ovo apunhalado (publicado pela primeira vez em 1975) e Morangos mofados, livro mais conhecido do grande público e que fez sucesso desde seu lançamento, em 1982. As tentativas de suicídio não foram apenas conteúdo ficcional. Caio chegou a reconhecer, em entrevista na década de 1980, que havia tentado se matar, mas tinha percebido que a vida era a melhor escolha: Confira a entrevista completa aqui. Antes disso, na década de 1970, Caio escreveu um poema em que cita a palavra suicídio, mas desde a primeira estrofe enfatiza a importância de permanecer vivo: Eu quero a vida. Com todo o riscos eu quero a vida. Com os dentes em mau estado eu quero a vida insone, no terceiro comprimido para dormir no terceiro maço de cigarro depois do quarto suicídio depois de todas as perdas durante a calvície incipiente dentro da grande gaiola do país de pequena gaiola do meu corpo eu quero a vida eu quero porque quero a vida. É uma escolha. Sozinho ou acompanhado, eu quero, meu deus, como eu quero, com uma tal ferocidade, com uma tal certeza. É agora. É pra já. Não importa depois. É como a quero. Viajar, subir, ver. Depois, talvez Tramandaí. Escrever. Traduzir. Em solidão. Mas é o que quero. Meu deus, a vida, a vida, a vida. A VIDA À VIDA." Para quem ficou interessado em conhecer a faceta poética do escritor, o livro Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu, de Letícia Chaplin e Marcia Ivana de Lima e Silva, reúne mais de 100 poemas do autor. * Este é o primeiro de uma série de três textos da coluna Voos Literários que abordarão a importância da campanha Setembro Amarelo, de prevenção ao suicídio. Se, por algum motivo, você sentiu-se desconfortável ao ler sobre esse assunto, ligue para o CVV, que atende 24h pelo número 188. Voluntários treinados podem te ajudar a lidar com essa situação difícil. Imagem: Acervo Caio F. Abreu - DELFOS/PUCRS. Flávia Cunha é jornalista há mais de 20 anos e mestre em Literatura Comparada pela UFRGS. Desde 2015, atua somente na área cultural, em projetos literários e musicais. Sua paixão pelas duas áreas virou oficialmente uma empresa em 2018. Para saber mais: www.flaviacunha.com.br

Segmento: Outras Universidades

12/09/2020 | Correio de Gravataí | correiogravatai.com.br | Geral

Dinheiro influencia, mas arroz e feijão seguem na dieta da maioria

<https://www.correiogravatai.com.br/noticias/regiao/2020/09/11/dinheiro-influencia--mas-arroz-e-feijao-seguem-na-dieta-da-maioria.html>

Reinoldo e Olinda pesquisam preços para variar o cardápio. Mesmo com o valor alto, o que não falta é arroz com feijão Foto: Ermilo Drews/GES-Especial Com os descontos das parcelas de empréstimos consignados e com o pagamento de medicamentos, água e luz, sobra uma das duas aposentadorias do casal Olinda, 68, e Reinoldo Falcão, 71. Para manter a alimentação minimamente equilibrada e controlar a diabetes e hipertensão de Reinoldo, Olinda fica de olho nos dias de promoções no supermercado do bairro.

No dia do rancho, pega ônibus para ir num atacado. É o jeito para não deixar faltar verdura, frutas e carne. Mas se tem algo que sempre tem à mesa é feijão e arroz, mesmo com o preço de ambos acumulando alta em torno de 20% no ano. "O resto a gente vai variando. Um dia é aipim, no outro batata doce, também mesclamos o tipo de carne", conta a pensionista. Bolacha recheada, pizza e comida ultraprocessada não costumam entrar na casa na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. "Meus netos que adoram um salgadinho. Só comem bobagem", resmunga Olinda.

Leia também Entenda por que o preço do arroz e do óleo de soja subiu tanto

Ministério da Justiça notifica supermercados por aumento no preço dos alimentos

Procon fiscaliza e orienta sobre aumento no preço de alimentos

Governo define critérios para cota de importação de arroz

A realidade do casal de aposentados reflete o que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil, divulgada recentemente, demonstra. Brasileiros com menor renda consomem mais arroz e feijão e menos industrializados. Já adolescentes preterem frutas, verduras e legumes em detrimento de ultraprocessados, como os salgadinhos consumidos pelos netos da vó Olinda. Idosos ainda lideram a preferência de frutas como banana, laranja e mamão, e têm boa aceitação de salada crua. "Aqui em casa não falta fruta. A gente sempre aproveita o dia das promoções", fala Olinda, mostrando a geladeira cheia. "E saladinha verde", completa Reinoldo.

Mas o "combo" típico brasileiro é o que não falta mesmo na mesa do casal da Vila Palmeira nem da imensa maioria da população brasileira. Apesar da queda consumo de arroz e feijão no período de 10 anos, a dupla segue sendo preferência nacional, figurando com frequência na mesa de 76,1% e 60% dos brasileiros, respectivamente. E a pesquisa mostra que esta incidência é maior em famílias de baixa renda. "Esta queda no consumo em relação à pesquisa anterior pode estar associada ao preço dos produtos, que subiu nestes 10 anos", alerta a coordenadora do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Claudia Denicol Winter.

Para Claudia, arroz com feijão é a típica dupla brasileira. "O consumo por pessoas com menos recursos ocorre justamente pelo poder de saciedade. Famílias com mais renda têm a opção de variar o cardápio, com hortaliças, frutas, mas também com produtos industrializados, que não têm qualidade nutricional elevada, mas possuem valor de mercado maior", observa. E se o dinheiro não permite variar tanto o cardápio, arroz com feijão seguem sendo uma combinação nutritiva. "Contêm aminoácidos que se complementam e formam uma proteína completa, têm nutrientes, minerais, vitaminas. É uma ótima parceria", recomenda a nutricionista. Obesidade

A pesquisa mostra que o consumo médio per capita da maioria das frutas, verduras e legumes foi menor entre adolescentes do que em adultos e idosos. Inversamente, o estudo aponta que adolescentes comem mais produtos de baixa qualidade nutricional, com destaque para biscoitos recheados, cuja média de consumo foi quase quatro vezes maior entre os jovens do que em adultos e 16 vezes maior que a dos idosos. Este contraste ainda está presentes nos refrigerantes, para o qual a média de consumo foi 3,7 vezes maior entre adolescentes do que entre idosos; salgadinhos do tipo chips, cuja média foi quatro vezes maior que a de adultos e 20 vezes a estimada para idosos; e pizzas, quatro vezes o consumo de idosos. "São alimentos acessíveis, que estão em todos os lugares, e atraem os mais jovens", observa Claudia. Ela alerta que a compra deste tipo de produto inverteu uma lógica que perdurava no Brasil mais de três décadas atrás. "Passamos da desnutrição, especialmente em crianças, para a obesidade, que também é ruim. Com isso, se percebe aumento de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, altas taxas de colesterol e triglicerídeos, inclusive entre adolescentes. Isso é preocupante", alerta a nutricionista.

Alimentos mais consumidos

Os alimentos com maiores médias de consumo diário per capita são o café (163,2 gramas ao dia), feijão (142,2 g/dia), arroz

(131,4 g/dia), sucos (124,5 g/dia) e refrigerantes (67,1 g/dia). As mulheres apresentaram médias mais altas para a maioria das verduras e frutas, enquanto os homens tiveram estimativas mais altas para quase todos os demais alimentos.

Diferenças entre regiões

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também aponta diferenças de hábitos alimentares entre regiões do País. O consumo de refrigerante foi maior no Sul, sendo o dobro do estimado para as regiões Norte e Nordeste. A região Sul destacou-se também por médias elevadas de consumo per capita de massas, macarrão e preparações à base de macarrão, café e chá. Sul e Sudeste concentraram ainda as maiores médias de consumo per capita para a maioria das frutas e verduras, enquanto o Nordeste destacou-se por médias per capita mais altas de consumo de milho e preparações à base de milho e feijão verde/corda. Na região Norte se consome mais açaí, farinha de mandioca e peixe fresco.

Risco de comer mal

A nutricionista Claudia relaciona os dados da pesquisa sobre alimentação com outros estudos que apontam uma geração de brasileiros com obesidade e doenças associadas. Cita, por exemplo, a Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), de 2018. Este levantamento indicou que 55,7% da população adulta do Brasil está com excesso de peso e 19,8% está obesa. Dados do Vigitel mostram ainda que 7,7% da população adulta apresenta diabetes e 24,7%, hipertensão - doenças que podem estar relacionadas à obesidade. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2013, alertou que, dentre os adultos com diabetes e hipertensão, 75,2% e 74,4%, respectivamente, têm excesso de peso. "Por isso, é importante ter hábitos saudáveis para manter o peso adequado e doenças que podem ser prevenidas. E isso começa pelo que vai se colocar no prato", finaliza.

Legumes, frutas e verduras estão em falta no cardápio

Gerente da pesquisa, André Martins observa que embora o consumo de alimentos como o arroz e feijão venha diminuindo, eles ainda são bastante presentes na mesa do brasileiro. "A gente observa que a alimentação ainda é muito baseada na culinária tradicional brasileira, com a presença de arroz, feijão e carne. Isso é muito bom, levando-se em consideração que quase 70% da nossa energia diária média vêm dos alimentos in natura ou minimamente processados. Mas ainda consumimos uma quantidade de legumes, frutas e verduras abaixo do recomendado", analisa. Claudia alerta para o hábito de se alimentar fora de casa, que apesar de ter caído no período de dez anos, segue sendo adotado por mais de um terço da população brasileira. "Isso pode estimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados." No entanto, ela lembra que a escolha, geralmente, cabe a cada um. "Mesmo entre as pessoas com maior poder aquisitivo, se percebe que dificilmente se consome três frutas por dia, quatro a cinco tipos de legumes e hortaliças, que é o recomendável. Neste caso é uma questão de escolha, não de dinheiro."

Frequência de consumo alimentar (%)

Consumo Alimentar Foto: Alan Machado/GES

TAGS: alimentação arroz Economia feijão hábito

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Com ensino remoto, professores buscam formas de humanizar as aulas

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/ser_educacao/2020/09/11/com-ensino-remoto--professores-buscam-formas-de-humanizar-as-aulas.html

Natália organizou uma festa junina em sua casa Foto: Arquivo pessoal Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento e da sociedade em que vive é a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, este ano, começou a ser implementada na educação infantil e no ensino fundamental das escolas de todo o Brasil. O documento para a educação básica, que abrange também o ensino médio, foi aprovado em 2017 pelo Ministério da Educação. No entanto, o texto para essa última faixa etária, homologado em 2018, ainda está sendo estudado pelos Estados.

O fato é que a BNCC propõe um novo olhar sobre a educação, por meio de dez competências, que funcionam como um fio condutor para toda a educação básica. São elas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

Leia também Pandemia também é momento para buscar aperfeiçoamento

Faccat aperfeiçoa práticas de ensino e aproxima alunos

Tecnologia é aliada no processo de ensino da Feevale

Aplicativo ajudará alunos de Sapiranga no acesso ao conteúdo remoto

Capacitação facilita aulas virtuais na La Salle

Segundo o professor da Universidade Feevale e membro do Conselho Estadual Educação, Gabriel Grabowski, trata-se de um novo currículo, uma proposta totalmente inovadora de ensino, cujo foco é a formação humana de forma integral. No entanto, como fazer isso em meio a uma pandemia? "No ano passado as escolas já estavam estudando esse novo formato de ensino por competências, por habilidades, mas a BNCC ensino infantil e fundamental estava iniciando sua implementação, de fato, agora em março. Se, por um lado, o novo currículo já gera um desafio para as escolas, professores e alunos, na medida em que isso é transposto para o modo virtual agrega novos questionamentos", pontua.

Nesse sentido, ele destaca a etapa da formação dos professores, que ainda está sendo finalizada na BNCC. "Essa parte, que deveria ser a primeira, está sendo a última a ser elaborada. Por isso, os professores estão tendo que resolver esse novo desafio sem a devida formação e ainda em um contexto diferente. Estávamos nos preparando para fazer isso presencialmente", salienta.

A professora do Curso Normal e Pedagogia e coordenadora dos cursos de especialização do Instituto Ivoti, Raquel Konrath, destaca que a BNCC prevê como uma das competências gerais a inserção na cultura digital, e o contexto da pandemia acelerou e intensificou essa inserção pela necessidade do uso de novas ferramentas para manter a presencialidade, a convivência e o vínculo com a aprendizagem. "De acordo com a BNCC, o conhecimento deve ser mobilizado na resolução de demandas complexas do cotidiano, assumindo posturas protagônicas e tanto nós como professores, como também nossos estudantes tivemos que nos reinventar para criarmos novas formas de ensinar e aprender", salienta.

Ela destaca que, como proposta metodológica, a instituição investiu no pensamento científico, crítico e criativo, procurando novas formas de comunicar as aprendizagens, enfatizando a necessidade da argumentação por meio do conhecimento e da pesquisa. "As habilidades socioemocionais como a empatia, a autonomia, o autocuidado e a cooperação foram vivenciadas na prática, uma vez que não se ensinam por meio de instrução, mas na ação, por meio das experiências e foram essenciais para superarmos os desafios que o contexto nos apresentava. Uma escuta e um olhar atento ao contexto social e emocional foi necessário", pondera. Atividades são adaptadas à rotina de cada família

A professora Vanessa da Silva, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, de Novo Hamburgo, conta como estão sendo as aulas com os alunos da faixa etária dos quatro anos. "A gente vem tentando buscar a interação com as crianças,

principalmente usando a casa delas como um laboratório, pois temos que pensar que nessa pandemia nem todas as crianças têm os recursos disponíveis para trabalhar, para fazer uma pintura, uma releitura, por exemplo", pontua.

Ela destaca que está trabalhando os conteúdos da BNCC, do referencial gaúcho e das matrizes municipais do caderno de orientação pedagógica. "Seguimos os três documentos. A ideia principal, para a educação infantil, é trabalhar usando o cotidiano como um fio condutor das propostas pedagógicas. Na escola, a gente estaria trabalhando a rotina, o momento do lanche, da higiene, para que a criança tenha autonomia e segurança para seguir sua vida escolar", pontua.

Como não é possível trabalhar o cotidiano escolar, Vanessa destaca que precisa usar o cotidiano da casa das crianças. "O que é um desafio, pois a gente não sabe o espaço que a criança tem, o tempo que os familiares dispõem para ajudar. Mesmo assim, faço chamadas de vídeo, conto histórias, faço brincadeiras, tudo pensando em coisas que eles têm em casa. A BNCC propõe que as crianças descubram. Eu não passo os conceitos, mas as ideias vão surgindo a partir das descobertas que eles fazem. Por exemplo, quando fizemos a atividade do ovo, como um alimento nutritivo, e eles descobriram que alguns animais nascem dos ovos e quiseram saber mais."

O pequeno David aprende se divertindo

O operador de máquina Jardel de Almeida, 31 anos, pai do estudante David de Almeida, 5, diz que o tempo com o filho em casa é de aprendizado, mas aliado à brincadeira. "Ele adora as atividades da escola, e nós sempre realizamos em conjunto. Às vezes é comigo, em outros momentos com minha esposa. Está sendo muito bom participar mais ativamente da vida escolar do David. Incentivamos ele a desenhar, conhecer as letras. Assim criamos um elo importante, de confiança e companheirismo." Habilidades socioemocionais

A professora do quinto ano do Instituto Ivoti Franciele Cavalheiro destaca que o maior ganho que está ocorrendo nas aulas remotas é o desenvolvimento das capacidades socioemocionais e intrapessoais. "O aluno é estimulado a ter mais autoconfiança, responsabilidade, organização com as tarefas e horários dos encontros, com seus professores e com os colegas, pois também possuem aula em grupo." Ela destaca que o aluno precisa, inclusive, realizar uma autoavaliação.

"Os estudantes também precisaram desenvolver maior capacidade de adaptação e, sobretudo, aprender a lidar com suas emoções." A educadora ressalta que a instituição sempre trabalha datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa. "Na Páscoa, todo ano eles caçavam o seu ninho na escola. Esse ano, a proposta foi fazer um ninho invertido, ou seja, eles foram convidados a confeccionar, com a ajuda da família, um ninho com mensagens de carinho e até um mimo para deixar no portão de suas casas para quem passasse na rua. Os relatos foram maravilhosos".

"Aprender é consequência do fazer", diz professora

A professora de literatura e língua portuguesa do Instituto Ivoti Marguit Goldmeyer, ressalta que o diferencial de uma aula está na metodologia empregada.

"Eu sempre trago comigo algumas perguntas fundamentais na hora de planejar. Primeiro, por que eu desejo abordar essa temática? Depois, como eu farei isso chegar ao aluno de modo a fazê-lo participar, interagir e, por fim, o que eu desejo que o meu aluno aprenda? Estudando o romantismo, propus aos estudantes a criação de um filme, com cenas do passado adaptadas para hoje. No barroco, eles criaram esculturas em casa e também memes. Para mim, aprender é consequência do fazer", sublinha a professora.

TAGS: adaptação ensino remoto ser educação

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

12/09/2020 | Correio do Povo | correiodopovo.com.br | Geral

Artistas e produtoras gaúchas falam de cadeia produtiva e perspectivas na pandemia

<https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/artistas-e-produtoras-ga%C3%B7as-falam-de-cadeia-produtiva-e-perspectivas-na-pandemia-1.479226>

Gestora e educadora Loize Aurélio idealizou o projeto virtual, que começa neste sábado

"Conversas com Artistas Gaúchas na Pandemia" é o ciclo de lives que reúne artistas e produtoras gaúchas ou radicadas no RS, de 12 a 27 de setembro, visando fomentar o conhecimento e debater sobre protagonismo feminino na economia criativa e perspectivas em tempos de pandemia. Idealizada pela gestora de arte e educadora Loíze Aurélio, a iniciativa prevê quatro edições, transmitidas pelo Facebook/loaurelio. O financiamento é do edital FAC Digital Emergencial da Secretaria de Cultura do Estado do RS e Feevale.

A abertura, neste sábado, às 21h, tematizará "Como a Mulher Canta - Recortes Sobre Aspectos Musicais", com Alessandra Amaral, Dessa Ferreira e Negra Jaque. Neste domingo será a vez de discutir "Artes Cênicas, as Produções e a Vida das Mulheres", às 17h, com Kátia Kneipp, Letícia de Cássia e Silvia Abreu. No dia 24 "Olhares Sobre o Processo Artístico nas Artes Visuais", às 20h, traz Aline Daka, Ana Maria Albani de Carvalho e Milene Tafrá. Finalmente "O Audiovisual Gaúcho e o Feminino", às 16h30, tem a participação de Camila De Moraes e Flávia Seligman. "Espero que esses fazeres e saberes contemporâneos, os territórios de circulação, e seus olhares venham à tona através desses quatro encontros", coloca Loíze.

Confira as convidadas deste sábado:

Negra Jaque: Desde 2007 na estrada, quando integrou o grupo "Pesadelo do Sistema", a rapper vem se destacando no segmento do hip hop. Em 2013, ao iniciar carreira solo, foi a primeira mulher vencedora da "Batalha do Mercado", evento tradicional da região metropolitana de Porto Alegre e, por conta deste prêmio, gravou seu primeiro EP, "Sou". De lá pra cá, participou de festivais, como o Nosoutras; lançou discos; recebeu prêmios e importantes indicações, como a de Melhor Compositora no Prêmio Açorianos; fez o show de abertura do projeto Unimúsica da Ufrgs; participou do show de Elza Soares no Bar Opinião; circulou por várias cidades do RS, além do Rio de Janeiro e São Paulo. Formada em Pedagogia, além da sua carreira no rap, é frequentemente contratada para ministrar oficinas e palestras sobre hip hop, luta feminista e movimento negro. Junto com muitas mulheres negras de todos os tempos, caminha em direção à igualdade e busca um mundo melhor para se viver, que empodera e não vê limites à sua frente.

Alessandra Amaral: Primeira mulher mestre de bateria no Brasil e no RS pela Fidalgos e Aristocratas, é percussionista há mais de 20 anos, não só no Estado, Brasil e exterior. Licenciada em Música pelo IPA, foi a primeira mulher a representar o Brasil em Cambridge para ensinar sobre samba. Professora de música da Apae Porto Alegre, com convites para ministrar oficina de escola de samba no Texas e na França, está com convite fechado para fazer musicalização com pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

Dessa Ferreira: é cantautora, percussionista, artista, arte educadora, bacharel em música popular pelo Instituto de Artes da Ufrgs, produtora musical brasileira, filha de piauienses e reside desde 2014 em Porto Alegre. Atualmente é liderança do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco do Fundo Baobá, com o projeto "Mulheres Negras e Tecnologia: Produção Musical Enegrecida". É uma das fundadoras e compositoras do grupo Três Marias, idealizadora do núcleo de vivência em percussão - Ngoma e do Coletivo Pretambor. Também toca nos trabalhos autorais de Dona Conceição, Thiago Ramil e nos grupos Sankofa Drums e Osetura. Em 2020 está lançando seu trabalho solo autoral "Pulso", palavra que traz muitos significados relacionadas a sua trajetória. Além do seu primeiro álbum autoral, em processo de gravação, este ano estará lançando o primeiro CD do grupo Três Marias, "Não Se Cala".

12/09/2020 | Diário de Cachoeirinha | diariocachoeirinha.com.br | Geral

Dinheiro influencia, mas arroz e feijão seguem na dieta da maioria

<http://www.diariocachoeirinha.com.br/noticias/regiao/2020/09/11/dinheiro-influencia--mas-arroz-e-feijao-seguem-na-dieta-da-maioria.html>

Reinoldo e Olinda pesquisam preços para variar o cardápio. Mesmo com o valor alto, o que não falta é arroz com feijão Foto: Ermilo Drews/GES-Especial Com os descontos das parcelas de empréstimos consignados e com o pagamento de medicamentos, água e luz, sobra uma das duas aposentadorias do casal Olinda, 68, e Reinoldo Falcão, 71. Para manter a alimentação minimamente equilibrada e controlar a diabetes e hipertensão de Reinoldo, Olinda fica de olho nos dias de promoções no supermercado do bairro.

No dia do rancho, pega ônibus para ir num atacado. É o jeito para não deixar faltar verdura, frutas e carne. Mas se tem algo que sempre tem à mesa é feijão e arroz, mesmo com o preço de ambos acumulando alta em torno de 20% no ano. "O resto a gente vai variando. Um dia é aipim, no outro batata doce, também mesclamos o tipo de carne", conta a pensionista. Bolacha recheada, pizza e comida ultraprocessada não costumam entrar na casa na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. "Meus netos que adoram um salgadinho. Só comem bobagem", resmunga Olinda.

Leia também Entenda por que o preço do arroz e do óleo de soja subiu tanto

Ministério da Justiça notifica supermercados por aumento no preço dos alimentos

Procon fiscaliza e orienta sobre aumento no preço de alimentos

Governo define critérios para cota de importação de arroz

A realidade do casal de aposentados reflete o que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil, divulgada recentemente, demonstra. Brasileiros com menor renda consomem mais arroz e feijão e menos industrializados. Já adolescentes preterem frutas, verduras e legumes em detrimento de ultraprocessados, como os salgadinhos consumidos pelos netos da vó Olinda. Idosos ainda lideram a preferência de frutas como banana, laranja e mamão, e têm boa aceitação de salada crua. "Aqui em casa não falta fruta. A gente sempre aproveita o dia das promoções", fala Olinda, mostrando a geladeira cheia. "E saladinha verde", completa Reinoldo.

?Mas o "combo" típico brasileiro é o que não falta mesmo na mesa do casal da Vila Palmeira nem da imensa maioria da população brasileira. Apesar da queda consumo de arroz e feijão no período de 10 anos, a dupla segue sendo preferência nacional, figurando com frequência na mesa de 76,1% e 60% dos brasileiros, respectivamente. E a pesquisa mostra que esta incidência é maior em famílias de baixa renda. "Esta queda no consumo em relação à pesquisa anterior pode estar associada ao preço dos produtos, que subiu nestes 10 anos", alerta a coordenadora do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Claudia Denicol Winter.

Para Claudia, arroz com feijão é a típica dupla brasileira. "O consumo por pessoas com menos recursos ocorre justamente pelo poder de saciedade. Famílias com mais renda têm a opção de variar o cardápio, com hortaliças, frutas, mas também com produtos industrializados, que não têm qualidade nutricional elevada, mas possuem valor de mercado maior", observa. E se o dinheiro não permite variar tanto o cardápio, arroz com feijão seguem sendo uma combinação nutritiva. "Contêm aminoácidos que se complementam e formam uma proteína completa, têm nutrientes, minerais, vitaminas. É uma ótima parceria", recomenda a nutricionista. Obesidade

A pesquisa mostra que o consumo médio per capita da maioria das frutas, verduras e legumes foi menor entre adolescentes do que em adultos e idosos. Inversamente, o estudo aponta que adolescentes comem mais produtos de baixa qualidade nutricional, com destaque para biscoitos recheados, cuja média de consumo foi quase quatro vezes maior entre os jovens do que em adultos e 16 vezes maior que a dos idosos. Este contraste ainda está presentes nos refrigerantes, para o qual a média de consumo foi 3,7 vezes maior entre adolescentes do que entre idosos; salgadinhos do tipo chips, cuja média foi quatro vezes maior que a de adultos e 20 vezes a estimada para idosos; e pizzas, quatro vezes o consumo de idosos. "São alimentos acessíveis, que estão em todos os lugares, e atraem os mais jovens", observa Claudia. Ela alerta que a compra deste tipo de produto inverteu uma lógica que perdurava no Brasil mais de três décadas atrás. "Passamos da desnutrição, especialmente em crianças, para a obesidade, que também é ruim. Com isso, se percebe aumento de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, altas taxas de colesterol e triglicerídeos, inclusive entre adolescentes. Isso é preocupante", alerta a nutricionista.

Alimentos mais consumidos

Os alimentos com maiores médias de consumo diário per capita são o café (163,2 gramas ao dia dia), feijão (142,2 g/dia), arroz (131,4 g/dia), sucos (124,5 g/dia) e refrigerantes (67,1 g/dia). As mulheres apresentaram médias mais altas para a maioria das verduras e frutas, enquanto os homens tiveram estimativas mais altas para quase todos os demais alimentos.

Diferenças entre regiões

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também aponta diferenças de hábitos alimentares entre regiões do País. O consumo de refrigerante foi maior no Sul, sendo o dobro do estimado para as regiões Norte e Nordeste. A região Sul destacou-se também por médias elevadas de consumo per capita de massas, macarrão e preparações à base de macarrão, café e chá. Sul e Sudeste concentraram ainda as maiores médias de consumo per capita para a maioria das frutas e verduras, enquanto o Nordeste destacou-se por médias per capita mais altas de consumo de milho e preparações à base de milho e feijão verde/corda. Na região Norte se consome mais açaí, farinha de mandioca e peixe fresco.

Risco de comer mal

A nutricionista Claudia relaciona os dados da pesquisa sobre alimentação com outros estudos que apontam uma geração de brasileiros com obesidade e doenças associadas. Cita, por exemplo, a Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), de 2018. Este levantamento indicou que 55,7% da população adulta do Brasil está com excesso de peso e 19,8% está obesa. Dados do Vigitel mostram ainda que 7,7% da população adulta apresenta diabetes e 24,7%, hipertensão - doenças que podem estar relacionadas à obesidade. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2013, alertou que, dentre os adultos com diabetes e hipertensão, 75,2% e 74,4%, respectivamente, têm excesso de peso. "Por isso, é importante ter hábitos saudáveis para manter o peso adequado e doenças que podem ser prevenidas. E isso começa pelo que vai se colocar no prato", finaliza.

Legumes, frutas e verduras estão em falta no cardápio

Gerente da pesquisa, André Martins observa que embora o consumo de alimentos como o arroz e feijão venha diminuindo, eles ainda são bastante presentes na mesa do brasileiro. "A gente observa que a alimentação ainda é muito baseada na culinária tradicional brasileira, com a presença de arroz, feijão e carne. Isso é muito bom, levando-se em consideração que quase 70% da nossa energia diária média vêm dos alimentos in natura ou minimamente processados. Mas ainda consumimos uma quantidade de legumes, frutas e verduras abaixo do recomendado", analisa. Claudia alerta para o hábito de se alimentar fora de casa, que apesar de ter caído no período de dez anos, segue sendo adotado por mais de um terço da população brasileira. "Isso pode estimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados." No entanto, ela lembra que a escolha, geralmente, cabe a cada um. "Mesmo entre as pessoas com maior poder aquisitivo, se percebe que dificilmente se consome três frutas por dia, quatro a cinco tipos de legumes e hortaliças, que é o recomendável. Neste caso é uma questão de escolha, não de dinheiro."

Frequência de consumo alimentar (%)

Consumo Alimentar Foto: Alan Machado/GES

TAGS: alimentação arroz Economia feijão hábito

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Com ensino remoto, professores buscam formas de humanizar as aulas

http://www.diariocachoeirinha.com.br/noticias/ser_educacao/2020/09/11/com-ensino-remoto--professores-buscam-formas-de-humanizar-as-aulas.htm
|

Natália organizou uma festa junina em sua casa Foto: Arquivo pessoal Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento e da sociedade em que vive é a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, este ano, começou a ser implementada na educação infantil e no ensino fundamental das escolas de todo o Brasil. O documento para a educação básica, que abrange também o ensino médio, foi aprovado em 2017 pelo Ministério da Educação. No entanto, o texto para essa última faixa etária, homologado em 2018, ainda está sendo estudado pelos Estados.

O fato é que a BNCC propõe um novo olhar sobre a educação, por meio de dez competências, que funcionam como um fio condutor para toda a educação básica. São elas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

Leia também Pandemia também é momento para buscar aperfeiçoamento

Faccat aperfeiçoa práticas de ensino e aproxima alunos

Tecnologia é aliada no processo de ensino da Feevale

Aplicativo ajudará alunos de Sapiranga no acesso ao conteúdo remoto

Capacitação facilita aulas virtuais na La Salle

Segundo o professor da Universidade Feevale e membro do Conselho Estadual Educação, Gabriel Grabowski, trata-se de um novo currículo, uma proposta totalmente inovadora de ensino, cujo foco é a formação humana de forma integral. No entanto, como fazer isso em meio a uma pandemia? "No ano passado as escolas já estavam estudando esse novo formato de ensino por competências, por habilidades, mas a BNCC ensino infantil e fundamental estava iniciando sua implementação, de fato, agora em março. Se, por um lado, o novo currículo já gera um desafio para as escolas, professores e alunos, na medida em que isso é transposto para o modo virtual agrega novos questionamentos", pontua.

Nesse sentido, ele destaca a etapa da formação dos professores, que ainda está sendo finalizada na BNCC. "Essa parte, que deveria ser a primeira, está sendo a última a ser elaborada. Por isso, os professores estão tendo que resolver esse novo desafio sem a devida formação e ainda em um contexto diferente. Estávamos nos preparando para fazer isso presencialmente", salienta.

A professora do Curso Normal e Pedagogia e coordenadora dos cursos de especialização do Instituto Ivoti, Raquel Konrath, destaca que a BNCC prevê como uma das competências gerais a inserção na cultura digital, e o contexto da pandemia acelerou e intensificou essa inserção pela necessidade do uso de novas ferramentas para manter a presencialidade, a convivência e o vínculo com a aprendizagem. "De acordo com a BNCC, o conhecimento deve ser mobilizado na resolução de demandas complexas do cotidiano, assumindo posturas protagônicas e tanto nós como professores, como também nossos estudantes tivemos que nos reinventar para criarmos novas formas de ensinar e aprender", salienta.

Ela destaca que, como proposta metodológica, a instituição investiu no pensamento científico, crítico e criativo, procurando novas formas de comunicar as aprendizagens, enfatizando a necessidade da argumentação por meio do conhecimento e da pesquisa. "As habilidades socioemocionais como a empatia, a autonomia, o autocuidado e a cooperação foram vivenciadas na prática, uma vez que não se ensinam por meio de instrução, mas na ação, por meio das experiências e foram essenciais para superarmos os desafios que o

contexto nos apresentava. Uma escuta e um olhar atento ao contexto social e emocional foi necessário", pondera. Atividades são adaptadas à rotina de cada família

A professora Vanessa da Silva, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, de Novo Hamburgo, conta como estão sendo as aulas com os alunos da faixa etária dos quatro anos. "A gente vem tentando buscar a interação com as crianças, principalmente usando a casa delas como um laboratório, pois temos que pensar que nessa pandemia nem todas as crianças têm os recursos disponíveis para trabalhar, para fazer uma pintura, uma releitura, por exemplo", pontua.

Ela destaca que está trabalhando os conteúdos da BNCC, do referencial gaúcho e das matrizes municipais do caderno de orientação pedagógica. "Seguimos os três documentos. A ideia principal, para a educação infantil, é trabalhar usando o cotidiano como um fio condutor das propostas pedagógicas. Na escola, a gente estaria trabalhando a rotina, o momento do lanche, da higiene, para que a criança tenha autonomia e segurança para seguir sua vida escolar", pontua.

Como não é possível trabalhar o cotidiano escolar, Vanessa destaca que precisa usar o cotidiano da casa das crianças. "O que é um desafio, pois a gente não sabe o espaço que a criança tem, o tempo que os familiares dispõem para ajudar. Mesmo assim, faço chamadas de vídeo, conto histórias, faço brincadeiras, tudo pensando em coisas que eles têm em casa. A BNCC propõe que as crianças descubram. Eu não passo os conceitos, mas as ideias vão surgindo a partir das descobertas que eles fazem. Por exemplo, quando fizemos a atividade do ovo, como um alimento nutritivo, e eles descobriram que alguns animais nascem dos ovos e quiseram saber mais."

O pequeno David aprende se divertindo

O operador de máquina Jardel de Almeida, 31 anos, pai do estudante David de Almeida, 5, diz que o tempo com o filho em casa é de aprendizado, mas aliado à brincadeira. "Ele adora as atividades da escola, e nós sempre realizamos em conjunto. Às vezes é comigo, em outros momentos com minha esposa. Está sendo muito bom participar mais ativamente da vida escolar do David. Incentivamos ele a desenhar, conhecer as letras. Assim criamos um elo importante, de confiança e companheirismo." Habilidades socioemocionais

A professora do quinto ano do Instituto Ivoti Franciele Cavalheiro destaca que o maior ganho que está ocorrendo nas aulas remotas é o desenvolvimento das capacidades socioemocionais e intrapessoais. "O aluno é estimulado a ter mais autoconfiança, responsabilidade, organização com as tarefas e horários dos encontros, com seus professores e com os colegas, pois também possuem aula em grupo." Ela destaca que o aluno precisa, inclusive, realizar uma autoavaliação.

"Os estudantes também precisaram desenvolver maior capacidade de adaptação e, sobretudo, aprender a lidar com suas emoções." A educadora ressalta que a instituição sempre trabalha datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa. "Na Páscoa, todo ano eles caçavam o seu ninho na escola. Esse ano, a proposta foi fazer um ninho invertido, ou seja, eles foram convidados a confeccionar, com a ajuda da família, um ninho com mensagens de carinho e até um mimo para deixar no portão de suas casas para quem passasse na rua. Os relatos foram maravilhosos".

"Aprender é consequência do fazer", diz professora

A professora de literatura e língua portuguesa do Instituto Ivoti Marguit Goldmeyer, ressalta que o diferencial de uma aula está na metodologia empregada.

"Eu sempre trago comigo algumas perguntas fundamentais na hora de planejar. Primeiro, por que eu desejo abordar essa temática? Depois, como eu farei isso chegar ao aluno de modo a fazê-lo participar, interagir e, por fim, o que eu desejo que o meu aluno aprenda? Estudando o romantismo, propus aos estudantes a criação de um filme, com cenas do passado adaptadas para hoje. No barroco, eles criaram esculturas em casa e também memes. Para mim, aprender é consequência do fazer", sublinha a professora.

TAGS: adaptação ensino remoto ser educação

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/09/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Dinheiro influencia, mas arroz e feijão seguem na dieta da maioria

<https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/regiao/2020/09/11/dinheiro-influencia-mas-arroz-e-feijao-seguem-na-dieta-da-maioria.html>

Reinoldo e Olinda pesquisam preços para variar o cardápio. Mesmo com o valor alto, o que não falta é arroz com feijão Foto: Ermilo Drews/GES-Especial Com os descontos das parcelas de empréstimos consignados e com o pagamento de medicamentos, água e luz, sobra uma das duas aposentadorias do casal Olinda, 68, e Reinoldo Falcão, 71. Para manter a alimentação minimamente equilibrada e controlar a diabetes e hipertensão de Reinoldo, Olinda fica de olho nos dias de promoções no supermercado do bairro.

No dia do rancho, pega ônibus para ir num atacado. É o jeito para não deixar faltar verdura, frutas e carne. Mas se tem algo que sempre tem à mesa é feijão e arroz, mesmo com o preço de ambos acumulando alta em torno de 20% no ano. "O resto a gente vai variando. Um dia é aipim, no outro batata doce, também mesclamos o tipo de carne", conta a pensionista. Bolacha recheada, pizza e comida ultraprocessada não costumam entrar na casa na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. "Meus netos que adoram um salgadinho. Só comem bobagem", resmunga Olinda.

Leia também Entenda por que o preço do arroz e do óleo de soja subiu tanto

Ministério da Justiça notifica supermercados por aumento no preço dos alimentos

Procon fiscaliza e orienta sobre aumento no preço de alimentos

Governo define critérios para cota de importação de arroz

A realidade do casal de aposentados reflete o que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil, divulgada recentemente, demonstra. Brasileiros com menor renda consomem mais arroz e feijão e menos industrializados. Já adolescentes preterem frutas, verduras e legumes em detrimento de ultraprocessados, como os salgadinhos consumidos pelos netos da vó Olinda. Idosos ainda lideram a preferência de frutas como banana, laranja e mamão, e têm boa aceitação de salada crua. "Aqui em casa não falta fruta. A gente sempre aproveita o dia das promoções", fala Olinda, mostrando a geladeira cheia. "E saladinha verde", completa Reinoldo.

Mas o "combo" típico brasileiro é o que não falta mesmo na mesa do casal da Vila Palmeira nem da imensa maioria da população brasileira. Apesar da queda consumo de arroz e feijão no período de 10 anos, a dupla segue sendo preferência nacional, figurando com frequência na mesa de 76,1% e 60% dos brasileiros, respectivamente. E a pesquisa mostra que esta incidência é maior em famílias de baixa renda. "Esta queda no consumo em relação à pesquisa anterior pode estar associada ao preço dos produtos, que subiu nestes 10 anos", alerta a coordenadora do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Claudia Denicol Winter.

Para Claudia, arroz com feijão é a típica dupla brasileira. "O consumo por pessoas com menos recursos ocorre justamente pelo poder de saciedade. Famílias com mais renda têm a opção de variar o cardápio, com hortaliças, frutas, mas também com produtos industrializados, que não têm qualidade nutricional elevada, mas possuem valor de mercado maior", observa. E se o dinheiro não permite variar tanto o cardápio, arroz com feijão seguem sendo uma combinação nutritiva. "Contêm aminoácidos que se complementam e formam uma proteína completa, têm nutrientes, minerais, vitaminas. É uma ótima parceria", recomenda a nutricionista. Obesidade

A pesquisa mostra que o consumo médio per capita da maioria das frutas, verduras e legumes foi menor entre adolescentes do que em adultos e idosos. Inversamente, o estudo aponta que adolescentes comem mais produtos de baixa qualidade nutricional, com destaque para biscoitos recheados, cuja média de consumo foi quase quatro vezes maior entre os jovens do que em adultos e 16 vezes maior que a dos idosos. Este contraste ainda está presentes nos refrigerantes, para o qual a média de consumo foi 3,7 vezes maior entre adolescentes do que entre idosos; salgadinhos do tipo chips, cuja média foi quatro vezes maior que a de adultos e 20 vezes a estimada para idosos; e pizzas, quatro vezes o consumo de idosos. "São alimentos acessíveis, que estão em todos os lugares, e atraem os mais jovens", observa Claudia. Ela alerta que a compra deste tipo de produto inverteu uma lógica que perdurava no Brasil mais de três décadas atrás. "Passamos da desnutrição, especialmente em crianças, para a obesidade, que também é ruim. Com isso, se percebe aumento de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, altas taxas de colesterol e triglicerídeos, inclusive entre adolescentes. Isso é preocupante", alerta a nutricionista.

Alimentos mais consumidos

Os alimentos com maiores médias de consumo diário per capita são o café (163,2 gramas ao dia dia), feijão (142,2 g/dia), arroz (131,4 g/dia), sucos (124,5 g/dia) e refrigerantes (67,1 g/dia). As mulheres apresentaram médias mais altas para a maioria das verduras e frutas, enquanto os homens tiveram estimativas mais altas para quase todos os demais alimentos.

Diferenças entre regiões

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também aponta diferenças de hábitos alimentares entre regiões do País. O consumo de refrigerante foi maior no Sul, sendo o dobro do estimado para as regiões Norte e Nordeste. A região Sul destacou-se também por médias elevadas de consumo per capita de massas, macarrão e preparações à base de macarrão, café e chá. Sul e Sudeste concentraram ainda as maiores médias de consumo per capita para a maioria das frutas e verduras, enquanto o Nordeste destacou-se por médias per capita mais altas de consumo de milho e preparações à base de milho e feijão verde/corda. Na região Norte se consome mais açaí, farinha de mandioca e peixe fresco.

Risco de comer mal

A nutricionista Claudia relaciona os dados da pesquisa sobre alimentação com outros estudos que apontam uma geração de brasileiros com obesidade e doenças associadas. Cita, por exemplo, a Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), de 2018. Este levantamento indicou que 55,7% da população adulta do Brasil está com excesso de peso e 19,8% está obesa. Dados do Vigitel mostram ainda que 7,7% da população adulta apresenta diabetes e 24,7%, hipertensão - doenças que podem estar relacionadas à obesidade. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2013, alertou que, dentre os adultos com diabetes e hipertensão, 75,2% e 74,4%, respectivamente, têm excesso de peso. "Por isso, é importante ter hábitos saudáveis para manter o peso adequado e doenças que podem ser prevenidas. E isso começa pelo que vai se colocar no prato", finaliza.

Legumes, frutas e verduras estão em falta no cardápio

Gerente da pesquisa, André Martins observa que embora o consumo de alimentos como o arroz e feijão venha diminuindo, eles ainda são bastante presentes na mesa do brasileiro. "A gente observa que a alimentação ainda é muito baseada na culinária tradicional brasileira, com a presença de arroz, feijão e carne. Isso é muito bom, levando-se em consideração que quase 70% da nossa energia diária média vêm dos alimentos in natura ou minimamente processados. Mas ainda consumimos uma quantidade de legumes, frutas e verduras abaixo do recomendado", analisa. Claudia alerta para o hábito de se alimentar fora de casa, que apesar de ter caído no período de dez anos, segue sendo adotado por mais de um terço da população brasileira. "Isso pode estimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados." No entanto, ela lembra que a escolha, geralmente, cabe a cada um. "Mesmo entre as pessoas com maior poder aquisitivo, se percebe que dificilmente se consome três frutas por dia, quatro a cinco tipos de legumes e hortaliças, que é o recomendável. Neste caso é uma questão de escolha, não de dinheiro."

Frequência de consumo alimentar (%)

Consumo Alimentar Foto: Alan Machado/GES

TAGS: alimentação arroz Economia feijão hábito

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/09/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Com ensino remoto, professores buscam formas de humanizar as aulas

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/ser_educacao/2020/09/11/com-ensino-remoto--professores-buscam-formas-de-humanizar-as-aulas.html

Natália organizou uma festa junina em sua casa Foto: Arquivo pessoal Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento e da sociedade em que vive é a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, este ano, começou a ser implementada na educação infantil e no ensino fundamental das escolas de todo o Brasil. O documento para a educação básica, que abrange também o ensino médio, foi aprovado em 2017 pelo Ministério da Educação. No entanto, o texto para essa última faixa etária, homologado em 2018, ainda está sendo estudado pelos Estados.

O fato é que a BNCC propõe um novo olhar sobre a educação, por meio de dez competências, que funcionam como um fio condutor para toda a educação básica. São elas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

Leia também Pandemia também é momento para buscar aperfeiçoamento

Faccat aperfeiçoa práticas de ensino e aproxima alunos

Tecnologia é aliada no processo de ensino da Feevale

Aplicativo ajudará alunos de Sapiranga no acesso ao conteúdo remoto

Capacitação facilita aulas virtuais na La Salle

Segundo o professor da Universidade Feevale e membro do Conselho Estadual Educação, Gabriel Grabowski, trata-se de um novo currículo, uma proposta totalmente inovadora de ensino, cujo foco é a formação humana de forma integral. No entanto, como fazer isso em meio a uma pandemia? "No ano passado as escolas já estavam estudando esse novo formato de ensino por competências, por habilidades, mas a BNCC ensino infantil e fundamental estava iniciando sua implementação, de fato, agora em março. Se, por um lado, o novo currículo já gera um desafio para as escolas, professores e alunos, na medida em que isso é transposto para o modo virtual agrega novos questionamentos", pontua.

Nesse sentido, ele destaca a etapa da formação dos professores, que ainda está sendo finalizada na BNCC. "Essa parte, que deveria ser a primeira, está sendo a última a ser elaborada. Por isso, os professores estão tendo que resolver esse novo desafio sem a devida formação e ainda em um contexto diferente. Estávamos nos preparando para fazer isso presencialmente", salienta.

A professora do Curso Normal e Pedagogia e coordenadora dos cursos de especialização do Instituto Ivoti, Raquel Konrath, destaca

que a BNCC prevê como uma das competências gerais a inserção na cultura digital, e o contexto da pandemia acelerou e intensificou essa inserção pela necessidade do uso de novas ferramentas para manter a presencialidade, a convivência e o vínculo com a aprendizagem. "De acordo com a BNCC, o conhecimento deve ser mobilizado na resolução de demandas complexas do cotidiano, assumindo posturas protagônicas e tanto nós como professores, como também nossos estudantes tivemos que nos reinventar para criarmos novas formas de ensinar e aprender", salienta.

Ela destaca que, como proposta metodológica, a instituição investiu no pensamento científico, crítico e criativo, procurando novas formas de comunicar as aprendizagens, enfatizando a necessidade da argumentação por meio do conhecimento e da pesquisa. "As habilidades socioemocionais como a empatia, a autonomia, o autocuidado e a cooperação foram vivenciadas na prática, uma vez que não se ensinam por meio de instrução, mas na ação, por meio das experiências e foram essenciais para superarmos os desafios que o contexto nos apresentava. Uma escuta e um olhar atento ao contexto social e emocional foi necessário", pondera. Atividades são adaptadas à rotina de cada família

A professora Vanessa da Silva, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, de Novo Hamburgo, conta como estão sendo as aulas com os alunos da faixa etária dos quatro anos. "A gente vem tentando buscar a interação com as crianças, principalmente usando a casa delas como um laboratório, pois temos que pensar que nessa pandemia nem todas as crianças têm os recursos disponíveis para trabalhar, para fazer uma pintura, uma releitura, por exemplo", pontua.

Ela destaca que está trabalhando os conteúdos da BNCC, do referencial gaúcho e das matrizes municipais do caderno de orientação pedagógica. "Seguimos os três documentos. A ideia principal, para a educação infantil, é trabalhar usando o cotidiano como um fio condutor das propostas pedagógicas. Na escola, a gente estaria trabalhando a rotina, o momento do lanche, da higiene, para que a criança tenha autonomia e segurança para seguir sua vida escolar", pontua.

Como não é possível trabalhar o cotidiano escolar, Vanessa destaca que precisa usar o cotidiano da casa das crianças. "O que é um desafio, pois a gente não sabe o espaço que a criança tem, o tempo que os familiares dispõem para ajudar. Mesmo assim, faço chamadas de vídeo, conto histórias, faço brincadeiras, tudo pensando em coisas que eles têm em casa. A BNCC propõe que as crianças descubram. Eu não passo os conceitos, mas as ideias vão surgindo a partir das descobertas que eles fazem. Por exemplo, quando fizemos a atividade do ovo, como um alimento nutritivo, e eles descobriram que alguns animais nascem dos ovos e quiseram saber mais."

O pequeno David aprende se divertindo

O operador de máquina Jardel de Almeida, 31 anos, pai do estudante David de Almeida, 5, diz que o tempo com o filho em casa é de aprendizado, mas aliado à brincadeira. "Ele adora as atividades da escola, e nós sempre realizamos em conjunto. Às vezes é comigo, em outros momentos com minha esposa. Está sendo muito bom participar mais ativamente da vida escolar do David. Incentivamos ele a desenhar, conhecer as letras. Assim criamos um elo importante, de confiança e companheirismo." Habilidades socioemocionais

A professora do quinto ano do Instituto Ivoti Franciele Cavalheiro destaca que o maior ganho que está ocorrendo nas aulas remotas é o desenvolvimento das capacidades socioemocionais e intrapessoais. "O aluno é estimulado a ter mais autoconfiança, responsabilidade, organização com as tarefas e horários dos encontros, com seus professores e com os colegas, pois também possuem aula em grupo." Ela destaca que o aluno precisa, inclusive, realizar uma autoavaliação.

"Os estudantes também precisaram desenvolver maior capacidade de adaptação e, sobretudo, aprender a lidar com suas emoções." A educadora ressalta que a instituição sempre trabalha datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa. "Na Páscoa, todo ano eles caçavam o seu ninho na escola. Esse ano, a proposta foi fazer um ninho invertido, ou seja, eles foram convidados a confeccionar, com a ajuda da família, um ninho com mensagens de carinho e até um mimo para deixar no portão de suas casas para quem passasse na rua. Os relatos foram maravilhosos".

"Aprender é consequência do fazer", diz professora

A professora de literatura e língua portuguesa do Instituto Ivoti Marguit Goldmeyer, ressalta que o diferencial de uma aula está na metodologia empregada.

"Eu sempre trago comigo algumas perguntas fundamentais na hora de planejar. Primeiro, por que eu desejo abordar essa temática? Depois, como eu farei isso chegar ao aluno de modo a fazê-lo participar, interagir e, por fim, o que eu desejo que o meu aluno aprenda? Estudando o romantismo, propus aos estudantes a criação de um filme, com cenas do passado adaptadas para hoje. No barroco, eles criaram esculturas em casa e também memes. Para mim, aprender é consequência do fazer", sublinha a professora.

TAGS: adaptação ensino remoto ser educação

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/09/2020 | Jornal do Comércio | jornaldocomercio.com | Geral

Tablado Andaluz divulga programação online, com show e aulas

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2020/09/756453-tablado-andaluz-divulga-programacao-online-com-show-e-aulas.html

O Tablado Andaluz promove no mês de setembro uma programação virtual, levando a arte, a cultura e a dança flamenca ao público, em programação contemplada no FAC Digital RS, edital da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) promovido em parceria com a universidade Feevale, de Novo Hamburgo.

A importância da arte e da cultura neste momento é fundamental, resgata nossa condição de pessoas sensíveis, criativas e com esperança no futuro. Nos lembra a beleza da arte, a força de um povo que já sofreu com guerras e perseguições e criou uma arte linda e forte como o Flamenco.

Neste sábado (12), às 22h, acontece o show online #NocheFlamenca. O espetáculo reúne no palco do Tablado Andaluz o cantaor e bailaor Pedro Fernández, o guitarrista flamenco Giovani Capeletti e a bailaora Andréa Franco, que se alternam em cena, seguindo todos os protocolos de segurança.

De 21 a 24 de setembro, das 17h às 18h, a professora Andréa Franco ministra o curso Introdução ao Flamenco: #LaCasaDelFlamenco. Durante as aulas - direcionadas ao público em geral, sem conhecimento prévio -, serão abordados os seguintes temas: Teoria - história e Palos Flamencos; prática - técnica de baile Flamenco para iniciantes; mecânica de sapateado; movimentos de braços e mãos e elementos de baile - castanholas, abanico e mantón.

O curso alia arte, cultura e todos os benefícios físicos e psicológicos que a prática da dança oferecem. Nos aspectos físicos, há melhoria da coordenação motora, reforço muscular, exercícios de ritmo, alongamento e redução do estresse gerado pelo confinamento. As aulas possuem aspectos práticos, que são desenvolvidos através das técnicas, mecânicas, estrutura musical e estéticas da dança flamenca.

Todas as atividades serão transmitidas ao vivo nas redes sociais do Tablado Andaluz (Facebook e Instagram).

12/09/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Dinheiro influencia, mas arroz e feijão seguem na dieta da maioria

<https://www.jornalnh.com.br/cotidiano/2020/09/11/dinheiro-influencia--mas-arroz-e-feijao-seguem-na-dieta-da-maioria.html>

Reinoldo e Olinda pesquisam preços para variar o cardápio. Mesmo com o valor alto, o que não falta é arroz com feijão Foto: Ermilo Drews/GES-Especial Com os descontos das parcelas de empréstimos consignados e com o pagamento de medicamentos, água e luz, sobra uma das duas aposentadorias do casal Olinda, 68, e Reinoldo Falcão, 71. Para manter a alimentação minimamente equilibrada e controlar a diabetes e hipertensão de Reinoldo, Olinda fica de olho nos dias de promoções no supermercado do bairro.

No dia do rancho, pega ônibus para ir num atacado. É o jeito para não deixar faltar verdura, frutas e carne. Mas se tem algo que sempre tem à mesa é feijão e arroz, mesmo com o . "O resto a gente vai variando. Um dia é aipim, no outro batata doce, também mesclamos o tipo de carne", conta a pensionista. Bolacha recheada, pizza e comida ultraprocessada não costumam entrar na casa na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. "Meus netos que adoram um salgadinho. Só comem bobagem", resmunga Olinda.

Leia também Entenda por que o preço do arroz e do óleo de soja subiu tanto

Ministério da Justiça notifica supermercados por aumento no preço dos alimentos

Procon fiscaliza e orienta sobre aumento no preço de alimentos

Governo define critérios para cota de importação de arroz

A realidade do casal de aposentados reflete o que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil, divulgada recentemente, demonstra. Brasileiros com menor renda consomem mais arroz e feijão e menos industrializados. Já adolescentes preterem frutas, verduras e legumes em detrimento de ultraprocessados, como os salgadinhos consumidos pelos netos da vó Olinda. Idosos ainda lideram a preferência de frutas como banana, laranja e mamão, e têm boa aceitação de salada crua. "Aqui em casa não falta fruta. A gente sempre aproveita o dia das promoções", fala Olinda, mostrando a geladeira cheia. "E saladinha verde", completa Reinoldo.

?Mas o "combo" típico brasileiro é o que não falta mesmo na mesa do casal da Vila Palmeira nem da imensa maioria da população brasileira. Apesar da queda consumo de arroz e feijão no período de 10 anos, a dupla segue sendo preferência nacional, figurando com frequência na mesa de 76,1% e 60% dos brasileiros, respectivamente. E a pesquisa mostra que esta incidência é maior em famílias de baixa renda. "Esta queda no consumo em relação à pesquisa anterior pode estar associada ao preço dos produtos, que subiu nestes 10 anos", alerta a coordenadora do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Claudia Denicol Winter.

Para Claudia, arroz com feijão é a típica dupla brasileira. "O consumo por pessoas com menos recursos ocorre justamente pelo poder de saciedade. Famílias com mais renda têm a opção de variar o cardápio, com hortaliças, frutas, mas também com produtos industrializados, que não têm qualidade nutricional elevada, mas possuem valor de mercado maior", observa. E se o dinheiro não permite variar tanto o cardápio, arroz com feijão seguem sendo uma combinação nutritiva. "Contêm aminoácidos que se complementam e formam uma proteína completa, têm nutrientes, minerais, vitaminas. É uma ótima parceria", recomenda a nutricionista. Obesidade

A pesquisa mostra que o consumo médio per capita da maioria das frutas, verduras e legumes foi menor entre adolescentes do que em adultos e idosos. Inversamente, o estudo aponta que adolescentes comem mais produtos de baixa qualidade nutricional, com destaque para biscoitos recheados, cuja média de consumo foi quase quatro vezes maior entre os jovens do que em adultos e 16 vezes maior que a dos idosos. Este contraste ainda está presentes nos refrigerantes, para o qual a média de consumo foi 3,7 vezes maior entre adolescentes do que entre idosos; salgadinhos do tipo chips, cuja média foi quatro vezes maior que a de adultos e 20 vezes a estimada para idosos; e pizzas, quatro vezes o consumo de idosos. "São alimentos acessíveis, que estão em todos os lugares, e atraem os mais jovens", observa Claudia. Ela alerta que a compra deste tipo de produto inverteu uma lógica que perdurava no Brasil mais de três décadas atrás. "Passamos da desnutrição, especialmente em crianças, para a obesidade, que também é ruim. Com isso, se percebe aumento de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, altas taxas de colesterol e triglicérides, inclusive entre adolescentes. Isso é preocupante", alerta a nutricionista.

Alimentos mais consumidos

Os alimentos com maiores médias de consumo diário per capita são o café (163,2 gramas ao dia dia), feijão (142,2 g/dia), arroz (131,4 g/dia), sucos (124,5 g/dia) e refrigerantes (67,1 g/dia). As mulheres apresentaram médias mais altas para a maioria das verduras e frutas, enquanto os homens tiveram estimativas mais altas para quase todos os demais alimentos.

Diferenças entre regiões

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também aponta diferenças de hábitos alimentares entre regiões do País. O consumo de refrigerante foi maior no Sul, sendo o dobro do estimado para as regiões Norte e Nordeste. A região Sul destacou-se também por médias elevadas de consumo per capita de massas, macarrão e preparações à base de macarrão, café e chá. Sul e Sudeste concentraram ainda as maiores médias de consumo per capita para a maioria das frutas e verduras, enquanto o Nordeste destacou-se por médias per capita mais altas de consumo de milho e preparações à base de milho e feijão verde/corda. Na região Norte se consome mais açaí, farinha de mandioca e peixe fresco.

Risco de comer mal

A nutricionista Claudia relaciona os dados da pesquisa sobre alimentação com outros estudos que apontam uma geração de brasileiros com obesidade e doenças associadas. Cita, por exemplo, a Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), de 2018. Este levantamento indicou que 55,7% da população adulta do Brasil está com excesso de peso e 19,8% está obesa. Dados do Vigitel mostram ainda que 7,7% da população adulta apresenta diabetes e 24,7%, hipertensão - doenças que podem estar relacionadas à obesidade. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2013, alertou que, dentre os adultos com diabetes e hipertensão, 75,2% e 74,4%, respectivamente, têm excesso de peso. "Por isso, é importante ter hábitos saudáveis para manter o peso adequado e doenças que podem ser prevenidas. E isso começa pelo que vai se colocar no prato", finaliza.

Legumes, frutas e verduras estão em falta no cardápio

Gerente da pesquisa, André Martins observa que embora o consumo de alimentos como o arroz e feijão venha diminuindo, eles ainda são bastante presentes na mesa do brasileiro. "A gente observa que a alimentação ainda é muito baseada na culinária tradicional brasileira, com a presença de arroz, feijão e carne. Isso é muito bom, levando-se em consideração que quase 70% da nossa energia diária média vêm dos alimentos in natura ou minimamente processados. Mas ainda consumimos uma quantidade de legumes, frutas e verduras abaixo do recomendado", analisa. Claudia alerta para o hábito de se alimentar fora de casa, que apesar de ter caído no período de dez anos, segue sendo adotado por mais de um terço da população brasileira. "Isso pode estimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados." No entanto, ela lembra que a escolha, geralmente, cabe a cada um. "Mesmo entre as pessoas com maior poder aquisitivo, se percebe que dificilmente se consome três frutas por dia, quatro a cinco tipos de legumes e hortaliças, que é o recomendável. Neste caso é uma questão de escolha, não de dinheiro."

Frequência de consumo alimentar (%)

Consumo Alimentar Foto: Alan Machado/GES

Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Com ensino remoto, professores buscam formas de humanizar as aulas

https://www.jornalnh.com.br/noticias/ser_educacao/2020/09/11/com-ensino-remoto--professores-buscam-formas-de-humanizar-as-aulas.html

Natália organizou uma festa junina em sua casa Foto: Arquivo pessoal Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento e da sociedade em que vive é a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, este ano, começou a ser implementada na educação infantil e no ensino fundamental das escolas de todo o Brasil. O documento para a educação básica, que abrange também o ensino médio, foi aprovado em 2017 pelo Ministério da Educação. No entanto, o texto para essa última faixa etária, homologado em 2018, ainda está sendo estudado pelos Estados.

O fato é que a BNCC propõe um novo olhar sobre a educação, por meio de dez competências, que funcionam como um fio condutor para toda a educação básica. São elas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

Leia também Pandemia também é momento para buscar aperfeiçoamento

Faccat aperfeiçoa práticas de ensino e aproxima alunos

Tecnologia é aliada no processo de ensino da Feevale

Aplicativo ajudará alunos de Sapiranga no acesso ao conteúdo remoto

Capacitação facilita aulas virtuais na La Salle

Segundo o professor da Universidade Feevale e membro do Conselho Estadual Educação, Gabriel Grabowski, trata-se de um novo currículo, uma proposta totalmente inovadora de ensino, cujo foco é a formação humana de forma integral. No entanto, como fazer isso em meio a uma pandemia? "No ano passado as escolas já estavam estudando esse novo formato de ensino por competências, por habilidades, mas a BNCC ensino infantil e fundamental estava iniciando sua implementação, de fato, agora em março. Se, por um lado, o novo currículo já gera um desafio para as escolas, professores e alunos, na medida em que isso é transposto para o modo virtual agrega novos questionamentos", pontua.

Nesse sentido, ele destaca a etapa da formação dos professores, que ainda está sendo finalizada na BNCC. "Essa parte, que deveria ser a primeira, está sendo a última a ser elaborada. Por isso, os professores estão tendo que resolver esse novo desafio sem a devida formação e ainda em um contexto diferente. Estávamos nos preparando para fazer isso presencialmente", salienta.

A professora do Curso Normal e Pedagogia e coordenadora dos cursos de especialização do Instituto Ivoti, Raquel Konrath, destaca que a BNCC prevê como uma das competências gerais a inserção na cultura digital, e o contexto da pandemia acelerou e intensificou essa inserção pela necessidade do uso de novas ferramentas para manter a presencialidade, a convivência e o vínculo com a aprendizagem. "De acordo com a BNCC, o conhecimento deve ser mobilizado na resolução de demandas complexas do cotidiano, assumindo posturas protagônicas e tanto nós como professores, como também nossos estudantes tivemos que nos reinventar para criarmos novas formas de ensinar e aprender", salienta.

Ela destaca que, como proposta metodológica, a instituição investiu no pensamento científico, crítico e criativo, procurando novas formas de comunicar as aprendizagens, enfatizando a necessidade da argumentação por meio do conhecimento e da pesquisa. "As habilidades socioemocionais como a empatia, a autonomia, o autocuidado e a cooperação foram vivenciadas na prática, uma vez que não se ensinam por meio de instrução, mas na ação, por meio das experiências e foram essenciais para superarmos os desafios que o contexto nos apresentava. Uma escuta e um olhar atento ao contexto social e emocional foi necessário", pondera. Atividades são adaptadas à rotina de cada família

A professora Vanessa da Silva, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, de Novo Hamburgo, conta como estão sendo as aulas com os alunos da faixa etária dos quatro anos. "A gente vem tentando buscar a interação com as crianças,

principalmente usando a casa delas como um laboratório, pois temos que pensar que nessa pandemia nem todas as crianças têm os recursos disponíveis para trabalhar, para fazer uma pintura, uma releitura, por exemplo", pontua.

Ela destaca que está trabalhando os conteúdos da BNCC, do referencial gaúcho e das matrizes municipais do caderno de orientação pedagógica. "Seguimos os três documentos. A ideia principal, para a educação infantil, é trabalhar usando o cotidiano como um fio condutor das propostas pedagógicas. Na escola, a gente estaria trabalhando a rotina, o momento do lanche, da higiene, para que a criança tenha autonomia e segurança para seguir sua vida escolar", pontua.

Como não é possível trabalhar o cotidiano escolar, Vanessa destaca que precisa usar o cotidiano da casa das crianças. "O que é um desafio, pois a gente não sabe o espaço que a criança tem, o tempo que os familiares dispõem para ajudar. Mesmo assim, faço chamadas de vídeo, conto histórias, faço brincadeiras, tudo pensando em coisas que eles têm em casa. A BNCC propõe que as crianças descubram. Eu não passo os conceitos, mas as ideias vão surgindo a partir das descobertas que eles fazem. Por exemplo, quando fizemos a atividade do ovo, como um alimento nutritivo, e eles descobriram que alguns animais nascem dos ovos e quiseram saber mais."

O pequeno David aprende se divertindo

O operador de máquina Jardel de Almeida, 31 anos, pai do estudante David de Almeida, 5, diz que o tempo com o filho em casa é de aprendizado, mas aliado à brincadeira. "Ele adora as atividades da escola, e nós sempre realizamos em conjunto. Às vezes é comigo, em outros momentos com minha esposa. Está sendo muito bom participar mais ativamente da vida escolar do David. Incentivamos ele a desenhar, conhecer as letras. Assim criamos um elo importante, de confiança e companheirismo." Habilidades socioemocionais

A professora do quinto ano do Instituto Ivoti Franciele Cavalheiro destaca que o maior ganho que está ocorrendo nas aulas remotas é o desenvolvimento das capacidades socioemocionais e intrapessoais. "O aluno é estimulado a ter mais autoconfiança, responsabilidade, organização com as tarefas e horários dos encontros, com seus professores e com os colegas, pois também possuem aula em grupo." Ela destaca que o aluno precisa, inclusive, realizar uma autoavaliação.

"Os estudantes também precisaram desenvolver maior capacidade de adaptação e, sobretudo, aprender a lidar com suas emoções." A educadora ressalta que a instituição sempre trabalha datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa. "Na Páscoa, todo ano eles caçavam o seu ninho na escola. Esse ano, a proposta foi fazer um ninho invertido, ou seja, eles foram convidados a confeccionar, com a ajuda da família, um ninho com mensagens de carinho e até um mimo para deixar no portão de suas casas para quem passasse na rua. Os relatos foram maravilhosos".

"Aprender é consequência do fazer", diz professora

A professora de literatura e língua portuguesa do Instituto Ivoti Marguit Goldmeyer, ressalta que o diferencial de uma aula está na metodologia empregada.

"Eu sempre trago comigo algumas perguntas fundamentais na hora de planejar. Primeiro, por que eu desejo abordar essa temática? Depois, como eu farei isso chegar ao aluno de modo a fazê-lo participar, interagir e, por fim, o que eu desejo que o meu aluno aprenda? Estudando o romantismo, propus aos estudantes a criação de um filme, com cenas do passado adaptadas para hoje. No barroco, eles criaram esculturas em casa e também memes. Para mim, aprender é consequência do fazer", sublinha a professora.

Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Dinheiro influencia, mas arroz e feijão seguem na dieta da maioria

<https://www.jornalvs.com.br/noticias/regiao/2020/09/11/dinheiro-influencia--mas-arroz-e-feijao-seguem-na-dieta-da-maioria.html>

Reinoldo e Olinda pesquisam preços para variar o cardápio. Mesmo com o valor alto, o que não falta é arroz com feijão Foto: Ermilo Drews/GES-Especial Com os descontos das parcelas de empréstimos consignados e com o pagamento de medicamentos, água e luz, sobra uma das duas aposentadorias do casal Olinda, 68, e Reinoldo Falcão, 71. Para manter a alimentação minimamente equilibrada e controlar a diabetes e hipertensão de Reinoldo, Olinda fica de olho nos dias de promoções no supermercado do bairro.

No dia do rancho, pega ônibus para ir num atacado. É o jeito para não deixar faltar verdura, frutas e carne. Mas se tem algo que sempre tem à mesa é feijão e arroz, mesmo com o preço de ambos acumulando alta em torno de 20% no ano. "O resto a gente vai variando. Um dia é aipim, no outro batata doce, também mesclamos o tipo de carne", conta a pensionista. Bolacha recheada, pizza e comida ultraprocessada não costumam entrar na casa na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. "Meus netos que adoram um salgadinho. Só comem bobagem", resmunga Olinda.

Leia também Entenda por que o preço do arroz e do óleo de soja subiu tanto

Ministério da Justiça notifica supermercados por aumento no preço dos alimentos

Procon fiscaliza e orienta sobre aumento no preço de alimentos

Governo define critérios para cota de importação de arroz

A realidade do casal de aposentados reflete o que a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil, divulgada recentemente, demonstra. Brasileiros com menor renda consomem mais arroz e feijão e menos industrializados. Já adolescentes preterem frutas, verduras e legumes em detrimento de ultraprocessados, como os salgadinhos consumidos pelos netos da vó Olinda. Idosos ainda lideram a preferência de frutas como banana, laranja e mamão, e têm boa aceitação de salada crua. "Aqui em casa não falta fruta. A gente sempre aproveita o dia das promoções", fala Olinda, mostrando a geladeira cheia. "E saladinha verde", completa Reinoldo.

?Mas o "combo" típico brasileiro é o que não falta mesmo na mesa do casal da Vila Palmeira nem da imensa maioria da população brasileira. Apesar da queda consumo de arroz e feijão no período de 10 anos, a dupla segue sendo preferência nacional, figurando com frequência na mesa de 76,1% e 60% dos brasileiros, respectivamente. E a pesquisa mostra que esta incidência é maior em famílias de baixa renda. "Esta queda no consumo em relação à pesquisa anterior pode estar associada ao preço dos produtos, que subiu nestes 10 anos", alerta a coordenadora do curso de Nutrição da Universidade Feevale, Claudia Denicol Winter.

Para Claudia, arroz com feijão é a típica dupla brasileira. "O consumo por pessoas com menos recursos ocorre justamente pelo poder de saciedade. Famílias com mais renda têm a opção de variar o cardápio, com hortaliças, frutas, mas também com produtos industrializados, que não têm qualidade nutricional elevada, mas possuem valor de mercado maior", observa. E se o dinheiro não permite variar tanto o cardápio, arroz com feijão seguem sendo uma combinação nutritiva. "Contêm aminoácidos que se complementam e formam uma proteína completa, têm nutrientes, minerais, vitaminas. É uma ótima parceria", recomenda a nutricionista. Obesidade

A pesquisa mostra que o consumo médio per capita da maioria das frutas, verduras e legumes foi menor entre adolescentes do que em adultos e idosos. Inversamente, o estudo aponta que adolescentes comem mais produtos de baixa qualidade nutricional, com destaque para biscoitos recheados, cuja média de consumo foi quase quatro vezes maior entre os jovens do que em adultos e 16 vezes maior que a dos idosos. Este contraste ainda está presentes nos refrigerantes, para o qual a média de consumo foi 3,7 vezes maior entre adolescentes do que entre idosos; salgadinhos do tipo chips, cuja média foi quatro vezes maior que a de adultos e 20 vezes a estimada para idosos; e pizzas, quatro vezes o consumo de idosos. "São alimentos acessíveis, que estão em todos os lugares, e atraem os mais jovens", observa Claudia. Ela alerta que a compra deste tipo de produto inverteu uma lógica que perdurava no Brasil mais de três décadas atrás. "Passamos da desnutrição, especialmente em crianças, para a obesidade, que também é ruim. Com isso, se percebe aumento de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão, altas taxas de colesterol e triglicérides, inclusive entre

adolescentes. Isso é preocupante", alerta a nutricionista.

Alimentos mais consumidos

Os alimentos com maiores médias de consumo diário per capita são o café (163,2 gramas ao dia dia), feijão (142,2 g/dia), arroz (131,4 g/dia), sucos (124,5 g/dia) e refrigerantes (67,1 g/dia). As mulheres apresentaram médias mais altas para a maioria das verduras e frutas, enquanto os homens tiveram estimativas mais altas para quase todos os demais alimentos.

Diferenças entre regiões

A Pesquisa de Orçamentos Familiares também aponta diferenças de hábitos alimentares entre regiões do País. O consumo de refrigerante foi maior no Sul, sendo o dobro do estimado para as regiões Norte e Nordeste. A região Sul destacou-se também por médias elevadas de consumo per capita de massas, macarrão e preparações à base de macarrão, café e chá. Sul e Sudeste concentraram ainda as maiores médias de consumo per capita para a maioria das frutas e verduras, enquanto o Nordeste destacou-se por médias per capita mais altas de consumo de milho e preparações à base de milho e feijão verde/corda. Na região Norte se consome mais açaí, farinha de mandioca e peixe fresco.

Risco de comer mal

A nutricionista Claudia relaciona os dados da pesquisa sobre alimentação com outros estudos que apontam uma geração de brasileiros com obesidade e doenças associadas. Cita, por exemplo, a Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), de 2018. Este levantamento indicou que 55,7% da população adulta do Brasil está com excesso de peso e 19,8% está obesa. Dados do Vigitel mostram ainda que 7,7% da população adulta apresenta diabetes e 24,7%, hipertensão - doenças que podem estar relacionadas à obesidade. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), de 2013, alertou que, dentre os adultos com diabetes e hipertensão, 75,2% e 74,4%, respectivamente, têm excesso de peso. "Por isso, é importante ter hábitos saudáveis para manter o peso adequado e doenças que podem ser prevenidas. E isso começa pelo que vai se colocar no prato", finaliza.

Legumes, frutas e verduras estão em falta no cardápio

Gerente da pesquisa, André Martins observa que embora o consumo de alimentos como o arroz e feijão venha diminuindo, eles ainda são bastante presentes na mesa do brasileiro. "A gente observa que a alimentação ainda é muito baseada na culinária tradicional brasileira, com a presença de arroz, feijão e carne. Isso é muito bom, levando-se em consideração que quase 70% da nossa energia diária média vêm dos alimentos in natura ou minimamente processados. Mas ainda consumimos uma quantidade de legumes, frutas e verduras abaixo do recomendado", analisa. Claudia alerta para o hábito de se alimentar fora de casa, que apesar de ter caído no período de dez anos, segue sendo adotado por mais de um terço da população brasileira. "Isso pode estimular o consumo de alimentos processados e ultraprocessados." No entanto, ela lembra que a escolha, geralmente, cabe a cada um. "Mesmo entre as pessoas com maior poder aquisitivo, se percebe que dificilmente se consome três frutas por dia, quatro a cinco tipos de legumes e hortaliças, que é o recomendável. Neste caso é uma questão de escolha, não de dinheiro."

Frequência de consumo alimentar (%)

Consumo Alimentar Foto: Alan Machado/GES

TAGS: alimentação arroz Economia feijão hábito

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

12/09/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

Com ensino remoto, professores buscam formas de humanizar as aulas

https://www.jornalvs.com.br/noticias/ser_educacao/2020/09/11/com-ensino-remoto--professores-buscam-formas-de-humanizar-as-aulas.html

Natália organizou uma festa junina em sua casa Foto: Arquivo pessoal Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento e da sociedade em que vive é a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, este ano, começou a ser implementada na educação infantil e no ensino fundamental das escolas de todo o Brasil. O documento para a educação básica, que abrange também o ensino médio, foi aprovado em 2017 pelo Ministério da Educação. No entanto, o texto para essa última faixa etária, homologado em 2018, ainda está sendo estudado pelos Estados.

O fato é que a BNCC propõe um novo olhar sobre a educação, por meio de dez competências, que funcionam como um fio condutor para toda a educação básica. São elas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

Leia também [Pandemia também é momento para buscar aperfeiçoamento](#)

[Faccat aperfeiçoa práticas de ensino e aproxima alunos](#)

[Tecnologia é aliada no processo de ensino da Feevale](#)

[Aplicativo ajudará alunos de Sapiranga no acesso ao conteúdo remoto](#)

[Capacitação facilita aulas virtuais na La Salle](#)

Segundo o professor da Universidade Feevale e membro do Conselho Estadual Educação, Gabriel Grabowski, trata-se de um novo currículo, uma proposta totalmente inovadora de ensino, cujo foco é a formação humana de forma integral. No entanto, como fazer isso em meio a uma pandemia? "No ano passado as escolas já estavam estudando esse novo formato de ensino por competências, por habilidades, mas a BNCC ensino infantil e fundamental estava iniciando sua implementação, de fato, agora em março. Se, por um lado, o novo currículo já gera um desafio para as escolas, professores e alunos, na medida em que isso é transposto para o modo virtual agrega novos questionamentos", pontua.

Nesse sentido, ele destaca a etapa da formação dos professores, que ainda está sendo finalizada na BNCC. "Essa parte, que deveria ser a primeira, está sendo a última a ser elaborada. Por isso, os professores estão tendo que resolver esse novo desafio sem a devida formação e ainda em um contexto diferente. Estávamos nos preparando para fazer isso presencialmente", salienta.

A professora do Curso Normal e Pedagogia e coordenadora dos cursos de especialização do Instituto Ivoti, Raquel Konrath, destaca que a BNCC prevê como uma das competências gerais a inserção na cultura digital, e o contexto da pandemia acelerou e intensificou essa inserção pela necessidade do uso de novas ferramentas para manter a presencialidade, a convivência e o vínculo com a aprendizagem. "De acordo com a BNCC, o conhecimento deve ser mobilizado na resolução de demandas complexas do cotidiano, assumindo posturas protagônicas e tanto nós como professores, como também nossos estudantes tivemos que nos reinventar para criarmos novas formas de ensinar e aprender", salienta.

Ela destaca que, como proposta metodológica, a instituição investiu no pensamento científico, crítico e criativo, procurando novas formas de comunicar as aprendizagens, enfatizando a necessidade da argumentação por meio do conhecimento e da pesquisa. "As habilidades socioemocionais como a empatia, a autonomia, o autocuidado e a cooperação foram vivenciadas na prática, uma vez que

não se ensinam por meio de instrução, mas na ação, por meio das experiências e foram essenciais para superarmos os desafios que o contexto nos apresentava. Uma escuta e um olhar atento ao contexto social e emocional foi necessário", pondera. Atividades são adaptadas à rotina de cada família

A professora Vanessa da Silva, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, de Novo Hamburgo, conta como estão sendo as aulas com os alunos da faixa etária dos quatro anos. "A gente vem tentando buscar a interação com as crianças, principalmente usando a casa delas como um laboratório, pois temos que pensar que nessa pandemia nem todas as crianças têm os recursos disponíveis para trabalhar, para fazer uma pintura, uma releitura, por exemplo", pontua.

Ela destaca que está trabalhando os conteúdos da BNCC, do referencial gaúcho e das matrizes municipais do caderno de orientação pedagógica. "Seguimos os três documentos. A ideia principal, para a educação infantil, é trabalhar usando o cotidiano como um fio condutor das propostas pedagógicas. Na escola, a gente estaria trabalhando a rotina, o momento do lanche, da higiene, para que a criança tenha autonomia e segurança para seguir sua vida escolar", pontua.

Como não é possível trabalhar o cotidiano escolar, Vanessa destaca que precisa usar o cotidiano da casa das crianças. "O que é um desafio, pois a gente não sabe o espaço que a criança tem, o tempo que os familiares dispõem para ajudar. Mesmo assim, faço chamadas de vídeo, conto histórias, faço brincadeiras, tudo pensando em coisas que eles têm em casa. A BNCC propõe que as crianças descubram. Eu não passo os conceitos, mas as ideias vão surgindo a partir das descobertas que eles fazem. Por exemplo, quando fizemos a atividade do ovo, como um alimento nutritivo, e eles descobriram que alguns animais nascem dos ovos e quiseram saber mais."

O pequeno David aprende se divertindo

O operador de máquina Jardel de Almeida, 31 anos, pai do estudante David de Almeida, 5, diz que o tempo com o filho em casa é de aprendizado, mas aliado à brincadeira. "Ele adora as atividades da escola, e nós sempre realizamos em conjunto. Às vezes é comigo, em outros momentos com minha esposa. Está sendo muito bom participar mais ativamente da vida escolar do David. Incentivamos ele a desenhar, conhecer as letras. Assim criamos um elo importante, de confiança e companheirismo." Habilidades socioemocionais

A professora do quinto ano do Instituto Ivoti Franciele Cavalheiro destaca que o maior ganho que está ocorrendo nas aulas remotas é o desenvolvimento das capacidades socioemocionais e intrapessoais. "O aluno é estimulado a ter mais autoconfiança, responsabilidade, organização com as tarefas e horários dos encontros, com seus professores e com os colegas, pois também possuem aula em grupo." Ela destaca que o aluno precisa, inclusive, realizar uma autoavaliação.

"Os estudantes também precisaram desenvolver maior capacidade de adaptação e, sobretudo, aprender a lidar com suas emoções." A educadora ressalta que a instituição sempre trabalha datas comemorativas, como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa. "Na Páscoa, todo ano eles caçavam o seu ninho na escola. Esse ano, a proposta foi fazer um ninho invertido, ou seja, eles foram convidados a confeccionar, com a ajuda da família, um ninho com mensagens de carinho e até um mimo para deixar no portão de suas casas para quem passasse na rua. Os relatos foram maravilhosos".

"Aprender é consequência do fazer", diz professora

A professora de literatura e língua portuguesa do Instituto Ivoti Marguit Goldmeyer, ressalta que o diferencial de uma aula está na metodologia empregada.

"Eu sempre trago comigo algumas perguntas fundamentais na hora de planejar. Primeiro, por que eu desejo abordar essa temática? Depois, como eu farei isso chegar ao aluno de modo a fazê-lo participar, interagir e, por fim, o que eu desejo que o meu aluno aprenda? Estudando o romantismo, propus aos estudantes a criação de um filme, com cenas do passado adaptadas para hoje. No barroco, eles criaram esculturas em casa e também memes. Para mim, aprender é consequência do fazer", sublinha a professora.

TAGS: adaptação ensino remoto ser educação

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/09/2020 | Martin Behrend | martinbehrend.com.br | Geral

Prefeita Fátima Daudt confirmada para tentar a reeleição em Novo Hamburgo

<http://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/8504/titulo/prefeita-fatima-daudt-confirmada-para-tentar-a-reeleicao-em-novo-hamburgo>

Convenção municipal do PSDB foi realizada na manhã deste sábado

Fátima Daudt (PSDB) e Márcio Lüders (MDB) junto das lideranças de partidos coligados. PSDB/Divulgação

A prefeita Fátima Daudt (PSDB) vai tentar à reeleição à Prefeitura de Novo Hamburgo. A confirmação ocorreu na manhã deste sábado (12) em convenção realizada na sede municipal dos tucanos, na avenida Frederico Linck.

O candidato a vice-prefeito na chapa será o advogado Márcio Lüders (MDB). Ainda em agosto, ele teve seu nome confirmado em pré-convenção do MDB. Votaram no evento 44 membros titulares e um suplente do MDB, com 5 votos contrários à composição de chapa e um contrário ao nome de Lüders.

A chapa Fátima e Márcio foi aclamada por unanimidade. A coligação "Unidos por Novo Hamburgo", liderada por Fátima Daudt, é composta pelos partidos PSDB, MDB, PTB, PDT, PSD, PSB, Cidadania e PSC.

Fátima defenderá o legado do seu governo, marcado pela conclusão de diversas obras inacabadas ou emperradas - UPA Centro, revitalização do Centro, Parcão, Centro Especialização em Reabilitação (CER), Centro de Inovação Tecnológica (CIT) -, melhorias no Hospital Municipal, redução na maioria dos índices de violência da cidade, atração de empresas do porte do Santander e Havan, e o reconhecimento internacional do BID e Mastercard.

Publicidade

Ao mesmo tempo, precisará mostrar ao eleitorado que seu governo não é um toma lá da cá, uma vez que atraiu para sua coligação nomes que estão há mais de 20 anos atuando política hamburguense - quase sempre no poder em troca de cargos ou apoios -, como os sobrenomes Peteffi, Luciano e Lucas. Além disso, terá de explicar obras que não foram concluídas no período de quatro anos, como a recuperação do Centro de Cultura e iluminação da ERS-239, além da licitação do transporte coletivo, que segue indefinida.

TRAJETÓRIA

Moradora de Novo Hamburgo e criada no bairro Santo Afonso, Fátima Daudt é formada em Arquitetura e Urbanismo e possui pós-graduação em Gestão Estratégica de Cidades pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Teve atuação empresarial no ramo da construção civil e agência de viagens. Foi a primeira mulher a ser eleita para presidir a Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo (ACI-NH/CB/EV), em um século de história da entidade.

Publicidade

Filiou-se ao PSDB em abril de 2016 para concorrer ao cargo de prefeita. Esteve à frente da coligação composta por PSDB, PPS, PSB, PSD, PTdoB e PROS. Foi eleita com 36.435 votos válidos.

Fátima é a primeira mulher a chefiar o Executivo de Novo Hamburgo.

.